

**AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA  
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**ADRIANA MACHADO PEREIRA**

***CYBERBULLYING DO ENSINO FUNDAMENTAL AO SUPERIOR: uma revisão da  
literatura luso-brasileira no período de 2013-2018.***

**Juína-MT**

**2019**

**AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA**

**ADRIANA MACHADO PEREIRA**

***CYBERBULLYING DO ENSINO FUNDAMENTAL AO SUPERIOR: uma revisão da literatura luso-brasileira no período de 2013-2018.***

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Psicologia, da AJES-Faculdade do Vale do Juruena, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Psicologia, sob a orientação da Profa. Dra. Marileide Antunes de Oliveira.

**Juína-MT**

**2019**

**AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA**

**CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

PEREIRA, Adriana Machado. *Cyberbullying Do Ensino Fundamental Ao Superior*: uma revisão da literatura luso-brasileira no período de 2013-2018. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) AJES – Faculdade do Vale do Juruena, Juína-MT, 2019.

**Data da defesa:** 29 de Maio de 2019.

**Horário:** 14:00 Hrs

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marileide Antunes de Oliveira**  
AJES.

---

**Membro Titular: Prof<sup>ª</sup>. Ma. Veronica Jocasta Casarotto**  
AJES.

---

**Membro Titular: Prof. Me. Victor Cauê Lopes**  
AJES.

**Local:** Associação Juinense de Ensino Superior  
AJES - Faculdade do Vale do Juruena  
**Unidade Sede, Juína-MT**

## DECLARAÇÃO DE AUTOR

*Eu, Adriana Machado Pereira, portadora da Cédula de Identidade- RG nº2744368-0 SSP/MT, e inscrita no Cadastro de Pessoas físicas do Ministério da Fazenda – CPF sob nº 059184111-86, DECLARO e AUTORIZO, para fins de pesquisa acadêmica, didática ou técnico-científica, que este Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado Cyberbullying Do Ensino Fundamental Ao Superior: uma revisão da literatura luso-brasileira no período de 2013-2018 pode ser parcialmente utilizada, desde que se faça referência à fonte e ao autor. Autorizo ainda a sua publicação pela AJES, ou por quem dela receber a delegação, desde que também seja feita à fonte ao autor.*

Juína, 29, Maio de 2019.

---

Adriana Machado Pereira

## **DEDICATÓRIA**

Ao meu querido esposo pelo apoio, incentivo, carinho e força em todos os momentos!

Aos meus pais por terem sempre incentivado e feito parte desse percurso de forma tão significativa!

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pela vida, pela força, por me permitir a realização de mais essa etapa e sempre cuidar de mim!

Ao meu amor Jheimmerson pelo apoio, carinho e amor em todas as circunstâncias. Por compreender os longos momentos de estudos e principalmente por me incentivar e fazer parte dessa etapa. Eu amo você meu amor!

Aos meus pais Oripio e Geneci, por serem os principais incentivadores deste sonho, por me auxiliarem em todos os momentos, e sempre acreditarem em minha capacidade. Obrigada por tudo, eu amo vocês!

Aos meus irmãos Ezequias e Miquéias por sempre estarem presente e fazerem parte também desta trajetória!

A minha amiga Dalila pelas longas horas de téris, conversas e estudos. Obrigada amiga por esta amizade de infância e que trouxe grandes contribuições durante esta jornada!

As minhas amigas e parceiras de trabalhos, Amanda, Engledy, Gleice e Kelly, por fazerem parte desta trajetória com amizades tão especiais. Vocês fazem cada momento da faculdade ser mais divertido, mais confortável e enriquecedor. Amigas vocês são incríveis!

A todos os professores que fizeram parte da minha formação. Obrigada por cada ensinamento, por cada lição e por cada momento que contribuíram para o que sou hoje e para a profissional que serei. Vocês foram fundamentais!

Aos professores Victor Cauê Lopes e Veronica Jocasta Casarotto que compuseram a banca de avaliação, por aceitarem fazer parte deste processo, avaliando e contribuindo para o enriquecimento deste trabalho.

A minha orientadora, professora Marileide Antunes de Oliveira, pelas orientações, correções, por me auxiliar e fazer parte desta etapa tão importante. Você é um exemplo de profissional!!

Por fim, a todos de forma direta ou indireta contribuíram, auxiliaram ou me incentivaram. Meu muito obrigado a todos, que Deus abençoe sempre!!

**Consagre ao Senhor tudo o que você faz e os seus planos serão bem sucedidos. (Pv 16:3).**

## RESUMO

Com a expansão das tecnologias e das redes virtuais, novas modalidades de violência vem surgindo. Dentre estas, tem-se o *cyberbullying* que é caracterizado como o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação para agredir um indivíduo, de maneira intencional, hostil e repetitiva. O objetivo desta pesquisa foi identificar as características do *cyberbullying*, os motivos para as agressões, as emoções dos agressores e vítimas e as estratégias de prevenção e enfrentamento, a partir da percepção dos alunos de ensino fundamental, médio e superior. Para isso foi utilizado uma Revisão Bibliográfica Sistemática, nas bases de dados Scielo, Pepsic, Lilacs, Educ@ e o buscador Google Acadêmico, buscando os trabalhos produzidos entre 2013 a 2018, no idioma português, sendo encontrados pesquisas do Brasil e de Portugal. Foram selecionados, após leitura, 12 artigos que atendiam aos requisitos da pesquisa para compor a amostra final. Os resultados encontrados apontaram para uma limitada quantidade de estudos produzidos, principalmente no que se refere a estudos originais no Brasil e também para a divergência de resultados dos estudos analisados, principalmente referente as características gerais do fenômeno, como prevalência e diferença de gênero. A partir destes resultados, conclui-se que este estudo traz contribuições importantes para entender este fenômeno, ter uma visão geral sobre o mesmo e auxiliar no desenvolvimento e utilização de instrumentos de combate, prevenção e enfrentamento do *cyberbullying*. Porém, faz-se necessário a produção de novos estudos principalmente pesquisas de campo com grandes amostras e que permitam a padronização dos resultados para uma determinada população.

**Palavras-Chave:** *Cyberbullying*; Percepção dos alunos; Características do *Cyberbullying*.



## ABSTRACT

With the expansion of technologies and virtual networks, new violence modalities are emerging. Between them, there is the cyberbullying, that is characterized as the use of Information and Communication Technologies to hurt an individual, in an intentional, rude and repetitive way. The objective of this research was identifying the cyberbullying characteristics, the reasons for the aggressions, the aggressors' and victims' feelings, and the strategies of prevention and confrontation, from a perception of the students from elementary and high school and from college. For this, it was used a Systematic Bibliographic Review, in the database from Scielo, Pepsic, Lilacs and Educ@, and the researcher Academic Google, searching the works produced between 2013 and 2018, in Portuguese, being found surveys from Brazil and Portugal. They were selected, after the reading, 12 articles that met the requirements from the research to compose the final sample. The results found pointed to a limited amount of produced studies, principally about what refers to original studies in Brazil and also to the divergence of results from the analyzed studies, mainly referring to the general characteristics of the phenomenon, as gender prevalence and difference. From these results on, we conclude that this study brings important contributions to understand this phenomenon, having a general sight about this and assisting on the development and using of combat, prevention and confrontation instruments to the cyberbullying. However, it is necessary the production of new studies, principally field researches with great samples that allow the standardization of results to a determined population.

**Keywords:** Cyberbullying; Perception of the students; Cyberbullying characteristics.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Fluxograma do resultado da pesquisa .....	34
Figura 2: Emoções no <i>cyberbullying</i> .....	49

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Ano de publicação dos artigos .....	39
Gráfico 2: País de publicação dos artigos.....	40
Gráfico 3: Nível de ensino dos entrevistados .....	40
Gráfico 4: Número de participantes por pesquisa .....	41

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Artigos Analisados .....	35
------------------------------------	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EDUCA	Periódicos Online da Educação
EIDS	Esquemas Iniciais Desadaptativos
LILACS	Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde
PEPSIC	Portal de Periódicos Eletrônicos da Psicologia
RBS	Revisão Bibliográfica Sistemática
SciELO	Scientific Electronic Library Online
TICs	Tecnologias da Informação e Comunicação

## SÚMARIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>1 OBJETIVOS</b> .....	<b>17</b>
1.1 OBJETIVO GERAL.....	17
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	17
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>18</b>
2.1 DO <i>BULLYING</i> AO <i>CYBERBULLYING</i> .....	18
2.2 DEFINIÇÃO DE <i>CYBERBULLYING</i> .....	21
2.3 DINÂMICA DO <i>CYBERBULLYING</i> .....	23
2.4 ESTATÍSTICAS DO <i>CYBERBULLYING</i> .....	25
2.5 CONSEQUÊNCIAS DO <i>CYBERBULLYING</i> .....	27
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>30</b>
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	30
3.1.1 Questão de pesquisa.....	30
3.2 CRITÉRIOS DE BUSCA.....	30
3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	31
3.4 PROCEDIMENTOS PARA TABULAÇÃO DE DADOS .....	32
3.5 ANÁLISE DOS DADOS E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS .....	32
<b>4 RESULTADOS</b> .....	<b>33</b>
5.1 CARACTERÍSTICAS DO <i>CYBERBULLYING</i> .....	42
5.2 MOTIVOS SOBRE O FENÔMENO .....	45
5.3 EMOÇÕES DOS AGRESSORES E VÍTIMAS .....	47
5.4 ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO .....	50
5.5 RESULTADOS ADICIONAIS.....	53
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>58</b>

## INTRODUÇÃO

A violência se caracteriza como um fenômeno amplo e complexo, presente no cotidiano das pessoas e se apresentando por diferentes formas e tipos de comportamento, sendo influenciada por diversos fatores, além de trazer diferentes impactos no âmbito social ou privado dos indivíduos. Dentre os diversos tipos de comportamentos violentos, tem-se aqueles que ocorrem no âmbito escolar, denominados de violência escolar (OLIVEIRA, 2016).

A violência escolar pode ser definida como uma violência interpessoal, expressa de diferentes formas e que pode ocorrer por meio da agressão física, verbal, psicológica ou ainda por meio de comportamentos infratores. Esta violência envolve a instituição como um todo, desde alunos, professores, gestores e familiares. Dentre as diversas formas de violência escolar, uma que tem se destacado bastante nos últimos anos é o *bullying* (OLIVEIRA, 2016).

O *bullying* é caracterizado como a ocorrência de uma agressão, física ou verbal, de forma hostil, que ocorre de forma repetitiva e que tem como objetivo firmar poder sobre outro indivíduo causando sofrimento e angústias para os que são vítimas deste tipo de agressão (UNICEF, 2014). Este é um conceito utilizado para descrever comportamentos de agressividades cometidos de forma intencional e que se repete, podendo ser praticado por apenas um ou vários indivíduos. No ambiente escolar, esses comportamentos agressivos são praticados por alunos e causam dor, sofrimento, depressão além de gerar um desequilíbrio de poder entre o aluno que comete a agressão e o aluno que é agredido (LIMA, 2011).

Porém, nas últimas décadas, com o avanço tecnológico, o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), as possibilidades e fluidez da informação, e a expansão do ciberespaço trouxe mudanças significativas nas estruturas sociais e nas relações. Como uma das consequências, estas agressões no ambiente escolar, denominados de *bullying* foram potencializadas por meio das redes virtuais e tecnologias da informação, resultando no *cyberbullying* (AZEVEDO; MIRANDA; SOUZA, 2012).

A busca por visibilidade nos ambientes virtuais acarretou o uso de meios e comportamentos que extrapolam o limite da ética e da moralidade, uma vez que nestes espaços as normas e regras de comportamento não são tão estabelecidos quanto no ambiente real. Assim, com o desenvolvimento da *cybercultura*, os comportamentos agressivos se expandiram para além do físico atingindo também o virtual (AZEVEDO; MIRANDA; SOUZA, 2012).

Considerado como um tipo de *bullying* por muitos autores (LIMA, 2011; WENDT, 2012; WENDT; LISBOA, 2014), o *cyberbullying* se caracteriza pelo uso das TICs para promover agressões em um indivíduo, de maneira intencional, hostil e repetitiva, podendo ser praticado por uma pessoa ou um grupo (OLIVEIRA, 2016).

Ocorre principalmente por meio de instrumentos tecnológicos como celulares e computadores. Abrange vários comportamentos como piadas, humilhações, violações e roubos de senhas e dados pessoais, publicações ofensivas, preconceituosas e a exposição dos indivíduos, até mesmo de conteúdos sexuais (WENDT; LISBOA, 2014), além de insultos em fóruns *online* e publicações de imagens embaraçosas (OLIVEIRA, 2016). *Sites, e-mails*, torpedos, redes sociais (WENDT; LISBOA, 2014), *sites* de relacionamentos (AZEVEDO, MIRANDA; SOUZA, 2012), aplicativos como o *Facebook, Twitter, Instagram, You Tube*, e jogos *online* (HINDUJA; PATCHIN, 2014), entre outros, são os instrumentos utilizados para esse tipo de agressão.

Segundo Hinduja e Patchin (2007), o *cyberbullying* engloba os diferentes tipos de assédio praticados na internet principalmente por celulares e computadores, abrangendo *e-mails*, mensagens, comentários e publicações que depreciam, intimidam ou ameaçam alguém. Além de fofocas e perseguições que ocorrem de maneira intencional e repetitiva.

Para Hinduja e Patchin (2014), o índice desse fenômeno depende do grupo, da idade e de como o seu conceito é definido, podendo variar de 10% a 40%. Um estudo destes autores publicado em 2006, evidenciou que 30% dos participantes relataram serem vítimas de *cyberbullying*, 11% afirmaram terem realizado agressões e ainda 47% foram testemunhas desta violência. Outros estudos realizados, também mostram estaticamente a prevalência desse fenômeno. Perez et al. (2016), ao investigarem esse tipo de agressão entre estudantes de países da América Latina, verificou que 12% dos 2.542 entrevistados já havia experimentado alguma forma de *cyberbullying*.

Em Portugal, um estudo com estudantes do ensino básico apontou que 7,6% dos entrevistados afirmaram terem sido vítimas e 3,9% responderam ter praticado agressões no ambiente virtual (CAETANO et al., 2016). No Brasil, o estudo de Wendt (2012) com adolescentes de Porto Alegre, evidenciou que 72% dos participantes afirmaram ao menos um caso de agressão virtual e 75% relataram ao menos um episódio de vitimização nos últimos seis meses. Além disso, 65% relataram episódios em ambas categorias nos meios virtuais.

Esse tipo de agressão, quando ocorre é muito mais maléfica e negativa que o *bullying* tradicional, principalmente devido à facilidade de expansão, e complexidade desses ambientes,



que aumenta ainda mais a desigualdade de poder entre os indivíduos (CAETANO, et al., 2016). Podendo ainda, acarretar danos físicos, emocionais e psicológicos e a sua ocorrência torna o ambiente escolar um espaço de insegurança, medo e agressividade. (HINDUJA; PATCHIN, 2007).

Porém, apesar de ser bastante predominante, este fenômeno ainda é pouco conhecido e explorado, principalmente por aqueles envolvidos no processo educacional. Além disso, muitas vezes, a falta de consenso na definição do termo e as suas características, dificulta a identificação de todos os comportamentos abrangidos e a caracterização do fenômeno (LIMA, 2011). Apresentando assim, divergências e diferenças nos estudos realizados (LONGHINI, 2013).

Verificar e estudar esse fenômeno em profundidade, comparar os resultados obtidos, faz-se necessário principalmente para buscar formas de prevenção e combate desse tipo de violência (LONGHINI, 2013), além de obter dados que fundamente as intervenções sejam elas, clínicas ou educacionais (WENDT, 2012). A compreensão acerca dos aspectos dessa violência, auxilia e fornece uma base para a elaboração de ações de prevenção e possibilita intervenções mais eficazes (WENDT; LISBOA, 2014).

Analisar os diferentes aspectos do *cyberbullying* e como estes aparecem nos estudos já realizados nos diferentes níveis de ensino, servirá de base para futuras pesquisas, além de contribuir para a elaboração de ações preventivas e intervenções, de acordo com as especificidades do contexto brasileiro.

Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo investigar, por meio de uma revisão sistemática na literatura luso-brasileira, o *cyberbullying* no ensino fundamental, médio e superior, a partir da percepção dos alunos, apontando os principais aspectos do fenômeno na perspectiva de alunos nestes níveis de ensino.

# 1 OBJETIVOS

## 1.1 OBJETIVO GERAL

Realizar uma revisão de literatura de abrangência nacional, no período de 2013 a 2018, com o objetivo de identificar os aspectos do *cyberbullying* na perspectiva de alunos do ensino fundamental, do ensino médio e do ensino superior.

## 1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar, nos estudos que abordaram o *cyberbullying*, no ensino fundamental, médio e superior, os seguintes aspectos:

- Características do fenômeno;
- Motivos para a ocorrência do *cyberbullying*;
- Emoções das vítimas e agressores; e
- Estratégias de enfrentamento e prevenção utilizado pelos alunos.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 DO *BULLYING* AO *CYBERBULLYING*

Apesar de ser um fenômeno presente nas escolas desde muito tempo, o *bullying* começou a ser pesquisado somente no final da década de 1960, principalmente pelo psicólogo sueco Dan Olweus e outros estudiosos, da Suécia, dos países escandinavos e posteriormente de outros países. No Brasil, esses estudos começaram somente nos anos de 1990 aproximadamente (LONGHINI, 2013).

Sobre esse fenômeno denominado *bullying*, um estudo da UNICEF (2014), sobre a violência contra crianças, denominado “*Hidden in plain sight: A statistical analysis of violence against children*” traz que o *bullying* é caracterizado como a ocorrência de uma agressão, física ou verbal, de forma hostil, que ocorre de forma repetitiva e que tem como objetivo firmar poder sobre outro indivíduo causando sofrimento e angústias para os que são vítimas deste tipo de agressão.

Outros autores como Lima (2011), traz que este é um conceito utilizado para descrever comportamentos de agressividades cometidos de forma intencional e que se repete, podendo ser praticado por apenas um ou vários indivíduos. No ambiente escolar, esses comportamentos agressivos são praticados por alunos e causam dor, sofrimento, depressão além de gerar um desequilíbrio de poder entre o aluno que comete a agressão e o aluno que é agredido. Já Santos e Faro (2018), trazem que o *bullying* se caracteriza como situação estressora que tem como vítimas principalmente os adolescentes em fase escolar e que podem trazer sérias consequências que vão desde comportamentos autolesivos ao suicídio.

Os estudos apontam que há várias formas de *bullying*, dentre elas o *bullying* verbal, geralmente praticado por meio de ofensas, apelidos e piadas depreciativas, o *bullying* físico que inclui agressões físicas e roubos de pertences e o *bullying* psicológico que abrange o isolamento, desprezo e o desrespeito, entre outros. Há também o *bullying* moral, onde o indivíduo sofre difamações, calúnias ou é discriminado, e *bullying* sexual que inclui insinuações, assédios ou ainda o estupro. E por último o *cyberbullying*, considerado por grande parte dos autores como uma extensão do *bullying* e que se caracteriza pelas agressões realizadas no ambiente virtual, por uso de tecnologias da informação e comunicação (LIMA, 2011; SANTOS; FARO, 2018).

No que se refere as estatísticas sobre este fenômeno, segundo o relatório da UNICEF (2014), que coletou dados em 106 países do mundo, a prevalência do *bullying* varia de 7% a 74% dependendo do local, incluindo desde grandes potências industrializadas às pequenas ilhas do pacífico, mostrando que este fenômeno é global atingindo crianças e adolescentes em todo o mundo. Complementando, Santos e Faro (2018), em seu estudo, apontam dados estatísticos que mostram um crescimento na ocorrência desta violência, de cerca de 15% em 1996 para uma estimativa de 7 a 52% nos dias atuais, dependendo do local pesquisado.

Sobre as estatísticas do Brasil, segundo o relatório da UNICEF (2014), a estimativa de ocorrência desta violência era de 13% entre adolescentes brasileiros. Porém, a pesquisa realizada por Santos e Faro (2018), sobre a vitimização do bullying com adolescentes no estado de Sergipe, verificou que da amostra pesquisada, 19,1% se enquadravam como vítimas do *bullying*. Neste estudo, adolescentes entre 16 e 17 anos, da capital do estado e de escolas privadas apresentavam maiores chances para serem vítimas deste tipo de violência, em relação aos outros adolescentes.

Alguns fatores são apontados precursores para a ocorrência do *bullying*, seja como agressor ou como vítima. Sofrer violência física, como negligência, abuso físico e sexual por parte dos cuidadores, ou ainda, presenciar algum tipo de violência parental ou doméstica é apontado como um dos fatores de risco para a prática desta agressão. É citado ainda outros fatores como a presença de alguns transtornos e condições como da hiperatividade-impulsividade, déficit de atenção e baixo autocontrole, além de outros como não ter muitos amigos, ter deficiência, fazer parte de um grupo minoritário ou ainda pela orientação sexual (UNICEF, 2014).

Para Lima (2011), algumas características físicas e intelectuais podem ser observadas em vítimas de *bullying* como, por exemplo, possuir alguma deficiência, estar muito acima ou abaixo do peso, possuir muita facilidade ou dificuldades de aprendizagem, além de em sua maioria serem pessoas tímidas, inseguras com baixa autoestima e dificuldade de se relacionar com os demais.

No que se refere as consequências deste tipo de agressão, são apontados aspectos negativos como altos níveis de estresse, sintomas físicos como dores, náuseas e diarreias, perda de apetite, insônia e pesadelos. Já a gastrite, bulimia, obesidade são algumas das consequências psicossomáticas, além da ansiedade, depressão, irritação, alterações de humor entre outros que

são sintomas comuns nesse tipo de violência que ocorre principalmente no âmbito escolar (LIMA, 2011).

Corroborando, a UNICEF (2014), traz a insatisfação com a vida, a depressão, ansiedade, pensamentos e comportamentos suicidas, distúrbios alimentares e sociais, retraimento social, dificuldade de relacionamento e dificuldades acadêmicas, como consequência do *bullying*. Além disso, traz ainda outros aspectos, como a relação entre o *bullying* e os comportamentos infracionais como roubos, uso e vendas de drogas, vandalismos, incêndios, dentro outros que vem sendo apontados. Estes aspectos influenciam não só na infância ou adolescência, momento onde ocorre as agressões, mas também na vida adulta, trazendo muitos prejuízos.

Porém, com o desenvolvimento e uso crescente das tecnologias e das redes sociais, essa forma de violência se expandiu, saindo do contexto físico do espaço escolar e se expandindo para outras modalidades, como as redes virtuais e tecnologias, favorecendo o surgimento do *bullying* virtual (AZEVEDO, MIRANDA; SOUZA, 2012; LONGHINI, 2013).

Sobre este crescente uso das tecnologias e redes, Longhini (2013), verificou que os adolescentes passam muitas horas todos os dias conectados na internet, principalmente nas redes sociais e que esse uso constante e sem monitoramento, torna-os mais susceptíveis novas formas de comportamentos agressivos, tanto na condição de vítima como de agressor. Já Wendt (2012), em seu estudo com adolescentes de Porto Alegre, verificou que 67% dos entrevistados faziam uso diário da internet, e que o tempo médio gasto nessa rede foi de 2,69 nove horas por dia. Verificou ainda que adolescentes mais velhos gastam mais tempo, variando de 0 a 20 horas diárias.

Outra pesquisa mais recente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2017, verificou que 92,6% das residências brasileiras possuíam o celular e que 67,9% tinham internet instalada. Esta pesquisa verificou também que 71,1% das pessoas que possuíam acima de 10 anos possuíam um celular e que 78,9% tinham acesso à internet pelo aparelho celular.

Estes dados demonstram o crescente uso da internet e das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), que quando usadas de forma indiscriminada acabam acarretando comprometimento da privacidade e da segurança das informações, em publicações com conteúdo ofensivo, discursos carregados de ódio, racistas, preconceituosos e homofóbicos. Além disso, têm-se também os conteúdos com teor sexual e a exposição dos indivíduos nas redes, principalmente de relacionamentos sociais, trazendo prejuízos e consequências que precisam ainda

serem estudadas e analisadas (WENDT; LISBOA, 2014). Denominado de *cyberbullying*, assim como o *bullying* tradicional, este começou a ser estudado mais tarde no Brasil, se destacando principalmente a partir de 2010 (LIMA, 2011).

## 2.2 DEFINIÇÃO DE *CYBERBULLYING*

Com o uso cada vez maior das tecnologias de informação e comunicação, tem-se também um maior índice de violência (HINDUJA; PATCHIM, 2007). Nesse contexto o *cyberbullying* vem se destacando devido sua frequência e consequências acarretadas (HINDUJA; PATCHIM, 2007; WENDT, 2012; CAETANO et al., 2016).

No que se refere a conceituação deste fenômeno, verifica-se que na comunidade científica, tem-se uma polifonia de conceitos para este fenômeno, destacando diversas interpretações sobre o mesmo e não chegando a um consenso. No Brasil, geralmente usa-se traduções que vêm da língua inglesa e que podem variar na definição e na forma de compreender o fenômeno (FERREIRA; DESLANDES, 2018).

Para Ferreira e Deslandes (2018), as definições de *cyberbullying* usa conceitos já existente e que pertencem ao *bullying*, apenas acrescentado as redes e tecnologias como espaços em que acontecem as agressões. Estes autores apontam ainda que são encontrados vários sinônimos para este fenômeno como *cyberstalking*, assédio cibernético, *bullying* na internet, assédio cibernético, assédio na internet, *cybervitimização* ou inda vitimização cibernética.

A maioria dos autores considera o *cyberbullying* como uma extensão do fenômeno *bullying* para o espaço virtual, porém, há aqueles que os interpretam como fenômenos totalmente distintos. Para este último grupo, os autores que não consideram o *cyberbullying* como extensão do *bullying*, não se tem também uma definição específica do conceito, mas defendem que este fenômeno deve ser considerado como inédito, principalmente no que diz respeito ao local em que ocorre e a sua forma de propagação. O agressor perde o controle sobre a propagação deste conteúdo uma vez que o conteúdo permanece por tempo indefinido disponível, facilitando a visualização e o compartilhamento e alcançando outros espectadores, características que não ocorre no *bullying* (FERREIRA; DESLANDES, 2018).

Já para o primeiro grupo, este fenômeno é caracterizado como um tipo de *bullying* que ocorre através do uso de tecnologias para realização de agressões, intimidações, maus tratos, assédio, difamações, entre outras, contra uma ou mais pessoas. Nessa modalidade, as agressões

são ainda mais cruéis e complexas, se propagando mais rapidamente devido à facilidade de alcance das informações nesse meio virtual, abrangendo maior público, ou seja, maior número de espectadores (AZEVEDO, MIRANDA; SOUZA, 2012; WENDT; LISBOA, 2014), além da desigualdade de poder ser ainda maior (CAETANO et al., 2016).

Os aspectos mais marcantes desta definição concentram-se nos comportamentos hostis e a intenção do agressor de causar sofrimento na vítima. Já os aspectos que diferenciam do *bullying*, diz respeito ao fato de que no *cyberbullying* haver a facilidade do anonimato, um maior número de espectadores, potencialidade de danos e consequências para as vítimas e a não necessidade da presença ou encontro entre o agressor e a vítima (FERREIRA; DESLANDES, 2018).

Nesse tipo de violência não existe um espaço físico definido para que ocorra as agressões e os horários não se limitam ao escolar (AZEVEDO; MIRANDA; SOUZA, 2012). O acesso à internet não se restringe a escola abrangendo vários outros espaços (WENDT, 2012).

Os principais instrumentos utilizados são os computadores e os celulares podendo ocorrer por meio de mensagens, *e-mails*, torpedos, *sites* de relacionamentos, redes sociais entre outros (AZEVEDO, MIRANDA; SOUZA, 2012; WENDT, 2012). O *Facebook*, o *Instagram*, *Snapchat* e *Twitter*, além de sites de vídeos como o *You Tube*, sites de jogos e aplicativos de interação, são apontados como locais favoráveis para a ocorrência desse tipo de violência (HINDUJA; PATCHIM, 2014).

Para Ferreira e Deslandes (2018), até um tempo atrás o email e as mensagens de texto, principalmente os SMS, eram os mais utilizados, porém, atualmente as interações nas redes sociais tem sido as mais utilizadas, principalmente os vídeos, o compartilhamento, jogos e vídeos chamadas. Estes autores destacam as mensagens por texto, as imagens e vídeos, chamadas telefônicas, *e-mails*, salas de bate papos, mensagens instantâneas, e *websites* como os principais.

Ao discorrer sobre esse fenômeno, Hinduja e Patchim (2014), o apresentam como um ato feito intencionalmente e de forma repetida com o objetivo de assediar, incomodar, ameaçar ou ainda humilhar os pares usando para isso computadores, celulares e outros eletrônicos. Ainda segundo esses autores, o conteúdo ofensivo é divulgado por meio das redes sociais, aplicativos, bate-papos, vídeos, páginas da internet entre outros.

Wendt (2012), verificou que as piadas, insultos, bloqueio de mensagens em rede sociais, publicação de fotos embaraçosas, dados de acesso de *e-mails* roubados, ameaças, conversas

personais compartilhadas, mensagens e *e-mails* ameaçadores foram citadas entre as principais formas sofridas pelas vítimas.

Diferentemente de como ocorre no *bullying* não é possível que a vítima antecipe uma possível situação nem evite que esta ocorra, pois, a qualquer momento o agressor pode utilizar uma das tecnologias para provocar a agressão (WENDT, 2012). Além disso, no *cyberbullying* na maioria das vezes a ação ocorre de forma anônima, não sendo possível identificar o agressor nem confrontá-lo face à face (WENDT; LISBOA, 2014).

Para Lima (2011), alguns sinais como ansiedade posteriormente ao uso da internet, tentativas de deletar os históricos de navegação, de impedir que o adulto visualize algum conteúdo, a baixa autoestima e isolamento da família e amigos, podem ser indicativos da ocorrência desse tipo de violência.

Ferreira e Deslandes (2018), apontam que em muitos casos, a tecnologia favorece que as vítimas do *bullying* tradicional, utilizem estes espaços virtuais para praticar o *cyberbullying* para se vingar do seu agressor, uma vez que possibilita a sua não identificação, facilita a desinibição e não há a necessidade do encontro físico que é considerado intimidador pela vítima.

### 2.3 DINÂMICA DO *CYBERBULLYING*

Os autores citam diversas formas de *cyberbullying* na literatura (WILLARD, 2006; LIMA 2011; SOUZA; SIMÃO; FRANCISCO, 2014; FERREIRA; DESLANDES, 2018). Estas formas são facetas ou formas em que este tipo de agressão se apresenta, além de comportamentos mais presentes em cada uma delas e que são categorizados.

Willard (2006), destaca sete categorias do *cyberbullying*, sendo o primeiro deles o *flaming*, ou provocação incendiária, se caracteriza pelas discussões intensas nos ambientes virtuais, que se espalham rapidamente e utiliza de uma linguagem vulgar e agressiva. A segunda forma destacada, é a agressão *online* ou assédio que se utiliza de mensagens agressivas que ofendem e insultam o outro. Já o terceiro é a difamação, do outro, utilizando-se de fofocas, boatos, informações falsas e cruéis que difamam e afetam a reputação da vítima.

A quarta categoria se refere ao *cyber-stalking* que se caracteriza pela utilização dos meios tecnológicos para perseguir outra pessoa, incluindo o uso excessivo de ameaças e intimidações. A quinta maneira destacada pelo autor é quando o agressor se passa pela vítima, utilizando dados e informações destes, como por exemplo contas de *e-mails*, e aplicativos, causando



danos e prejuízos, ou seja, a substituição da pessoa de forma ilegal. A sexta categoria diz respeito ao *outing* que se refere a violar a intimidade do outro, compartilhando informações, mensagens e imagens que comprometem, humilham ou expõem o outro. Para o autor, enganar ou incentivar outras pessoas a compartilhar informações pessoais de terceiros também se constitui como uma maneira de praticar esse tipo de agressão (WILLARD, 2006).

Willard (2006), traz ainda a exclusão como a sétima categoria, que se caracteriza por excluir ou bloquear intencionalmente um indivíduo de um grupo virtual, com o intuito de causar sofrimento, ou ainda intimidar o outro com o envio de mensagens constantemente com conteúdo que denigrem, ameçam e causam medo na vítima.

Ferreira e Deslandes (2018), além de trazer estas categorias já citadas, traz ainda outras formas e denominações para este fenômeno apontados na literatura, como o *namecalling* que se caracteriza por apelidar outra pessoa com apelidos ofensivos e rudes, o *fakenames* que se refere a se passar pela pessoa nas redes sociais pedindo dados ou divulgando informações, o *sexting* que se caracteriza principalmente por publicar ou compartilhar fotos íntimas, geralmente de cunho sexual nas redes. Tem-se também o *harassament* que tem como características o envio repetitivo de mensagens ofensivas ou o compartilhamento de informações de outras pessoas sem a sua autorização.

Todas essas formas de *cyberbullying* ocorrem de maneira intencional e premeditada, acontecendo de forma repetitiva, e utilizando os meios tecnológicos para causar danos e maus tratos, em uma relação de desequilíbrio de poder entre agressor e vítima (HINDUJA; PATCHIN, 2006).

No que se refere aos papéis desempenhados neste tipo de agressão, três papéis principais se destacam, sendo o de vítima, de agressor e o de espectador. O primeiro é aquele que é alvo das agressões, o segundo os que praticam esta agressão contra outras pessoas e o terceiro se refere aqueles que se divertem e compartilham esse tipo de violência aumentando a sua proporção e incentivando sua ocorrência. Mas além destes, outros se destacam, como o papel da vítima-agressor que refere-se aquele que sofre as agressões e também as praticam contra outros indivíduos (WENDT, 2012).

Outro papel bastante importante, principalmente no que se refere a prevenção e o acolhimento das vítimas, diz respeito ao de pais e professores, porém, Ferreira e Deslandes (2018) trazem que estes geralmente são os últimos a saberem sobre a agressão ou muitas vezes nem chega a tomar conhecimento destes acontecimentos.

Outra questão diz respeito aos fatores que contribuem para a propagação desta violência. Lacerda, Padilha e Amaral (2018), afirmam que as diferenças no mundo real e a dificuldade de respeito as mesmas são um dos motivos que levam os indivíduos ao uso das tecnologias para agredirem ao outro. Os autores citam ainda, o desrespeito, a falta de educação, a intolerância, o preconceito, a falta de referências éticas, de conhecimento da justiça e de leis, a falta de limites e a carência de empatia em relação a outros indivíduos, como fatores que favorecem o envolvimento neste tipo de agressão. A ausência de denúncias dificulta as investigações sobre os possíveis casos por parte de órgãos competentes e falta de orientações, educação e responsabilidade no uso de tecnologia e redes, também contribuem para a ocorrência e propagação desta violência.

Por fim, no que se refere ao combate deste tipo de violência e de outros crimes cibernético por órgãos legais, Lacerda, Padilha e Amaral (2018), trazem que tem se dificuldades na legislação brasileira e que geralmente são feitas analogias de leis aplicadas a crimes reais para punir os crimes virtuais. Os autores trazem ainda que estes crimes podem ser encaixados em outros que já estão tipificados no Código Penal como calúnia, injúria ou difamação. Na maioria das vezes por se referirem a indivíduos menores de dezoito anos, estes atos são denominados como atos inflacionais e se enquadram na Lei Nº 8.069 de 1990, mais conhecido como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Um avanço no sentido de combater estes crimes, refere-se a criação da Lei 12.737 de 2012, conhecida como Lei Carolina Dienckmann, que refere-se a tipificação criminal de delitos informáticos, inspirada na história da atriz brasileira que teve o seu computador invadido e arquivos pessoais íntimos como fotos e conversas divulgadas nas redes sociais. Outra lei refere-se a lei *antibullying*, ou seja, a Lei Nº 13.185 de 2015, que enfoca principalmente os aspectos da prevenção nas escolas e instituições de ensino no Brasil. Estas leis visam principalmente atuar no campo da prevenção, do combate e punição a estes crimes e comportamentos agressivos nas redes e tecnologia (LACERDA; PADILHA; AMARAL, 2018).

Porém, dados mais recentes de um estudo da Global Advisor da IPSOS (2018), que foi realizado com vinte e oito países, mostrou que a maioria destes países acreditam que o cyberbullying deve ser tratado de forma especial e que as medidas anti-bullying não são suficientes para combater esta violência (INSTITUTO DE PESQUISA IPSOS, 2018).

#### 2.4 ESTATÍSTICAS DO *CYBERBULLYING*

Para Hinduja e Patchim (2014), o índice de *cyberbullying* varia de acordo com as características do grupo pesquisado e da definição de *cyberbullying* dada a essas adolescentes. Por não possuir uma tradução adequada para a Língua Portuguesa tem-se a dificuldade que os entrevistados descrevam comportamentos sem antes uma definição (LIMA, 2011). Além de que o fenômeno abrange vários comportamentos, como a humilhação, discriminação, intolerância, preconceito, agressividade dentre outros, o que favorece que em alguns casos os indivíduos não consigam identificar a agressão (LONGHINI, 2013).

Para os pesquisadores, Hinduja e Patchim (2014) o índice de ocorrência desta violência pode variar de 10% a 40% dos adolescentes. Nas pesquisas realizadas por esses autores nos sete anos anteriores e que abrangeu mais de 10.000 adolescentes entre 11 e 18 anos, aproximadamente 25% já havia sofrido esse tipo de agressão em algum momento de suas vidas.

Dados do IPSOS (2018), mostram que no mundo todo, cerca de 17% dos pais relataram que o seu próprio filho sofre ou já sofreu *cyberbullying* e 33% conhece uma criança em sua comunidade que também já foi vítima desta violência. Além disso, dos pais que tem um filho ou conhece uma criança na comunidade que já sofreu esta violência, 65% afirmaram que estas agressões ocorreram nas redes sociais (INSTITUTO DE PESQUISA IPSOS, 2018).

No BRASIL, pesquisa realizada por Wendt (2012,) com 367 adolescentes de 13 a 17 anos em Porto Alegre, demonstrou que 72% dos participantes afirmaram ao menos uma ocorrência de *cyber* agressão, e 75% afirmaram incidentes de *cyber* vitimização nos últimos seis meses. Além de que 65% relataram ocorrências em ambas categorias, tanto como vítimas como agressores.

Outro estudo realizado com 70 adolescentes também de 13 a 17 anos de Minas Gerais, em 2016, apontou resultados aproximados. Dos entrevistados, 67% afirmaram ao menos um episódio de agressão virtual, 63% relataram incidentes de vitimização nos últimos seis meses, enquanto 78% se enquadraram como vítimas-agressores (OLIVEIRA, 2016).

Dados do IPSOS (2018), ao investigar se os pais tinham conhecimento se seu filho já passou por situações *cyberbullying*, mostra que no Brasil 11% dos pais afirmaram que sim e esta violência ocorria com regularidade, 10% afirmaram sim e que ocorria as vezes e 8% afirmaram que sim e que ocorreu uma ou duas vezes, somando um percentual de 29% dos pais que afirmaram que seu filho já foi vítima deste tipo de agressão. Além disso, aproximadamente 42% dos pais afirmaram conhecer uma criança em sua comunidade que também já foi vítima do *cyberbullying* (INSTITUTO DE PESQUISA IPSOS, 2018).

A pesquisa mostrou ainda que no Brasil, 70% das agressões ocorreram por meio das redes sociais, 32% por meio do dispositivo móvel, 28% por mensagens *online* e 28% por *chats online*, além de e-mails, *websites* e outros meios. Além disso, 53% das agressões ocorreram por um colega de classe, 29% por um jovem desconhecido, 10% por um adulto conhecido e 14% por um adulto desconhecido, além que desconheciam qualquer informação do agressor ou não quiseram responder (INSTITUTO DE PESQUISA IPSOS, 2018).

Porém, Lima (2011) aponta que a dificuldade de tradução e descrição do fenômeno, a falta de consenso entre os pesquisadores na definição do termo e os comportamentos abrangidos pelo *cyberbullying* são motivos que favorecem a variação dos resultados e dados estatístico das pesquisas realizadas no Brasil, dificultando também os estudos comparativos.

## 2.5 CONSEQUÊNCIAS DO *CYBERBULLYING*

As consequências para quem sofre este tipo de agressão são extensas e vão desde aspectos de saúde e integridade psicológica até mesma física. Afetam a convivência e relacionamentos sociais, contribuem para a exclusão social e compromete o bem-estar dos indivíduos. São danos e traumas psicológicos e emocionais que se apresentam não só no momento da agressão, mas que podem trazer repercussões ao longo toda a vida da vítima (SOUZA; SIMÃO; FRANCISCO, 2014).

Para Souza, Simão e Francisco (2014), o *cyberbullying* deve ser visto e tratado como um problema de saúde pública, uma vez que as suas consequências trazem prejuízos em vários aspectos, afetando a saúde e o bem-estar no geral do indivíduo. As consequências e impactos negativos ocasionados por este fenômeno é ainda maior do que no *bullying* tradicional, destacando que nas agressões envolvendo a divulgação e exposição de fotos e vídeos estes aspectos negativos são ainda mais acentuados do que em outras formas como envio de mensagens de textos e e-mails (SANTOS; DESLANDES, 2018).

Algumas consequências resultantes desse tipo de violência são apontadas em alguns estudos como o de Hinduja e Patchim (2014), trazem que é possível observar que sentimentos como tristeza, raiva, frustração, o medo e vergonha, são comuns nos indivíduos vítimas da cyber agressão. Relatam também o baixo rendimento acadêmico, a baixo autoestima, os conflitos familiares, a violência no espaço escolar e as ideações suicidas, como presentes nos indivíduos vítimas de *cyberbullying* (HINDUJA; PATCHIM, 2014).

Abuso de substâncias, elevação da ansiedade, agravamento de transtornos emocionais, prejuízos no rendimento acadêmico, comportamentos de violência escolar e delinquência também são apontados como consequências dessa agressão (HINDUJA; PATCHIM, 2007; WENDT; LISBOA, 2014),

Souza, Simão e Francisco (2014), citam que este fenômeno afeta a qualidade da aprendizagem e traz consequências para o ambiente educacional, colocando em questionamento o papel e os objetivos deste contexto que a priori deveria promover um espaço de afetividade, vínculos saudáveis e de segurança para os que frequentam este ambiente. Estes autores citam ainda outros aspectos que são decorrentes da ocorrência do *cyberbullying* como a depressão, baixa autoestima, problemas psicológicos, a angústia intensa, os prejuízos no sentimento de segurança, no ajustamento adequando, além de outros aspectos da saúde psicológica e o surgimento de problemas psicossomáticos relacionados a este tipo de agressão (SOUZA; SIMÃO; FRANCISCO, 2014).

Por mais que nem sempre o *cyberbullying* ocorra no ambiente escolar, o medo, o desconforto, ressentimento e o anonimato do *cyber* agressor, contribuem para que a escola se torne um ambiente inseguro e hostil além do medo ou vergonha que as vítimas enfrentam de frequentarem estes espaços (HINDUJA; PATCHIM, 2014).

Esta questão do anonimato nestas redes, além dificultar a identificação do agressor, o confronto e até mesmo a punição por parte dos órgãos competentes, contribui ainda para a elevação do sofrimento da vítima e dos seus sentimentos de impotência e insegurança diante da situação vivenciada. Já para o agressor, este aspecto contribui para elevar seu sentimento de segurança e impunidade diante da situação, incentivando o aumento do número de agressões (SOUZA; SIMÃO; FRANCISCO, 2014). Já Domingues et al. (2016), aponta que o anonimato traz a sensação de invisibilidade para o agressor, contribuindo para a continuação da prática agressiva e dificultando a identificação e enfrentamento.

Ferreira e Deslandes (2018), ao realizarem uma revisão de 72 trabalhos importantes publicados na área, encontraram que os sintomas psicológicos e psicopatologias são as principais consequências neste tipo de agressão. Os autores trazem a insônia, o baixo rendimento escolar, pouca concentração, maiores conflitos com pais, comportamentos agressivos com outras pessoas, problemas sociais, maior envolvimento em casos de abuso de substâncias, violência física e sexual. O estudo aponta ainda, maior probabilidade destes alunos levarem armas para a escola. Além disso, depressão, ansiedade, ideias e comportamentos suicida, estresse, solidão, vício em

uso de tecnologia e abuso de drogas também são citados sendo que estes últimos atingem tanto as vítimas como os agressores, em geral.

Domingues et al. (2016), ao analisar o papel desenvolvido pela escola, traz que não há uma preocupação efetiva por parte das instituições de ensino nos prejuízos causados por este fenômeno, principalmente nos aspectos da aprendizagem e permanência na escola. Relatam ainda, que notícias como suicídios e chacinas envolvendo esta agressão, estão cada vez mais comuns, e que mesmo assim, não despertou ainda a educação para métodos mais eficientes e eficazes na prevenção e enfrentamento desta violência.

As consequências do *cyberbullying* são apontadas pelos autores como maiores e mais nefastas do que a do *bullying* tradicional, principalmente devido a sua facilidade de propagação, o grande número de espectadores que alimentam esta propagação e a maior dificuldade de encerrar a agressão com a retirada do conteúdo das redes (SOUZA; SIMÃO; FRANCISCO, 2014). Tem-se também a dificuldade de pessoas responsáveis como pais e professores identificarem previamente a ocorrência deste fenômeno e que seu combate necessita de treinamentos específicos para que sejam eficientes (FERREIRA; DESLANDES, 2018).

## 3 METODOLOGIA

### 3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada por meio de uma Revisão Bibliográfica, buscando os trabalhos publicados em bases de dados, e permitindo análise das publicações existentes, seguindo os critérios estabelecidos.

A revisão bibliográfica é caracterizada como a localização e consulta em diversas fontes com a finalidade de coletar materiais escritos sobre um determinado tema. Pode abranger diversas fontes como livros, documentos escritos ou ainda publicações em periódicos, anais de eventos, relatórios, dissertações e teses, dentre outros (LIMA, 2008).

A pesquisa bibliográfica é elaborada utilizando como base os estudos já desenvolvidos e publicados, constituindo-se em um recurso importante para analisar diversos aspectos ou posições sobre um determinado fenômeno. Possibilita ao pesquisador investigar e obter uma cobertura mais ampla de dados que muitas vezes encontra-se espalhados e dispersos (GIL, 2007).

Ainda, segundo este autor, esta é desenvolvida por meio de etapas como a escolha do tema, um levantamento preliminar dos dados, a delimitação do problema a ser investigado, a elaboração de um plano de pesquisa, a busca pelas fontes, a leitura do material, a organização do assunto e a redação ou elaboração final do trabalho.

#### 3.1.1 Questão de pesquisa

Quais os aspectos do *cyberbullying* na perspectiva de alunos de ensino fundamental, médio e superior, considerando as características do fenômeno, os motivos da agressão, as emoções das vítimas e agressores e as estratégias de prevenção e enfrentamento utilizadas pelos alunos?

### 3.2 CRITÉRIOS DE BUSCA

A coleta de dados através dos artigos foi realizada nas seguintes bases de dados:

- SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*);
- EDUC@ (Periódicos Online da Educação);

- PEPSIC (Portal de Periódicos Eletrônicos da Psicologia);
- LILACS (Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde);
- GOOGLE *SCHOLAR* (Buscador Google Acadêmico).

### 3. 2.1 Critérios de inclusão:

1. Artigos encontrados nas bases pesquisadas;
2. Estudos disponíveis na íntegra;
3. Estudos originais publicados no idioma português;
4. Publicados no período de 2013 a 2018.

### 3.2.2 Critérios de exclusão:

1. Trabalhos publicados em congressos, conferências, encontros, seminários, eventos e workshops;
2. Estudos duplicados;
3. Trabalhos de acesso restrito;
4. Dissertações, teses e outros que não artigos.

## 3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os dados para a pesquisa foram obtidos através de descritores e palavras-chave, no idioma português que permitiram uma busca sistematizada nas bases de dados. Foi utilizado o booleano “AND”, para fazer a combinação de diferentes maneiras dos descritores e palavras-chave de acordo com a necessidade da pesquisa.

Os descritores utilizados para a pesquisa foram:

- Internet;
- Estratégias de enfrentamento.

As palavras-chaves utilizadas para a pesquisa foram:

- *Cyberbullying*;
- Violência virtual;



- Estratégias de prevenção.

As combinações dos descritores e palavras-chaves que foram utilizadas nas bases de dados foram: Internet AND Violência virtual, Internet AND Estratégias de prevenção, Internet AND Estratégias de intervenção, *Cyberbullying* AND Estratégias de prevenção, *Cyberbullying* AND Estratégias de prevenção, *Cyberbullying* AND violência virtual. Além disso, foi utilizado cada descritor e palavra-chave individualmente nas bases.

Após as buscas em cada base, o processo de seleção foi realizado por meio de uma leitura dos títulos e resumos, selecionando os trabalhos relacionados ao tema, e que atendem aos critérios propostos. Posteriormente, foi realizada uma leitura integral e criteriosa de cada trabalho decidindo pela inclusão ou exclusão desses estudos.

A coleta de dados, desde a pesquisa até a seleção final dos trabalhos estão apresentados na figura 01, contendo os resultados gerais encontrados em cada base, a quantidade de trabalhos excluídos, os selecionados pra leitura integral e por fim os que fizeram parte da amostra final.

### 3.4 PROCEDIMENTOS PARA TABULAÇÃO DE DADOS

Os trabalhos selecionados foram numerados para facilitar a identificação, e apresentados em uma tabela, contendo os nomes dos autores, o ano de publicação, o título do trabalho, a base de dados onde foi encontrado, o objetivo, a metodologia e os principais resultados encontrados.

### 3.5 ANÁLISE DOS DADOS E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A análise dos dados foi realizada mediante leitura cuidadosa e a comparação das informações relevantes apresentadas pelos trabalhos. Estes foram apresentados de forma descritiva, possibilitando observar, descrever e classificar os dados coletados.

Os resultados foram apresentados em categorias, conforme os objetivos do estudo. Por último, foi realizado a comparação das informações coletadas e discutidas nessas categorias apontando as semelhanças e diferenças do fenômeno entre elas, possibilitando ainda discutir os resultados e sugerir novas pesquisas.

## 4 RESULTADOS

A pesquisa foi realizada por meio de buscas nas bases de dados Scielo, Educ@, Pepsic, Lilacs e Google Scholar que se caracteriza como buscador. As buscas foram realizadas no mês de fevereiro de 2019, contemplando publicações do ano de 2013 ao ano de 2018.

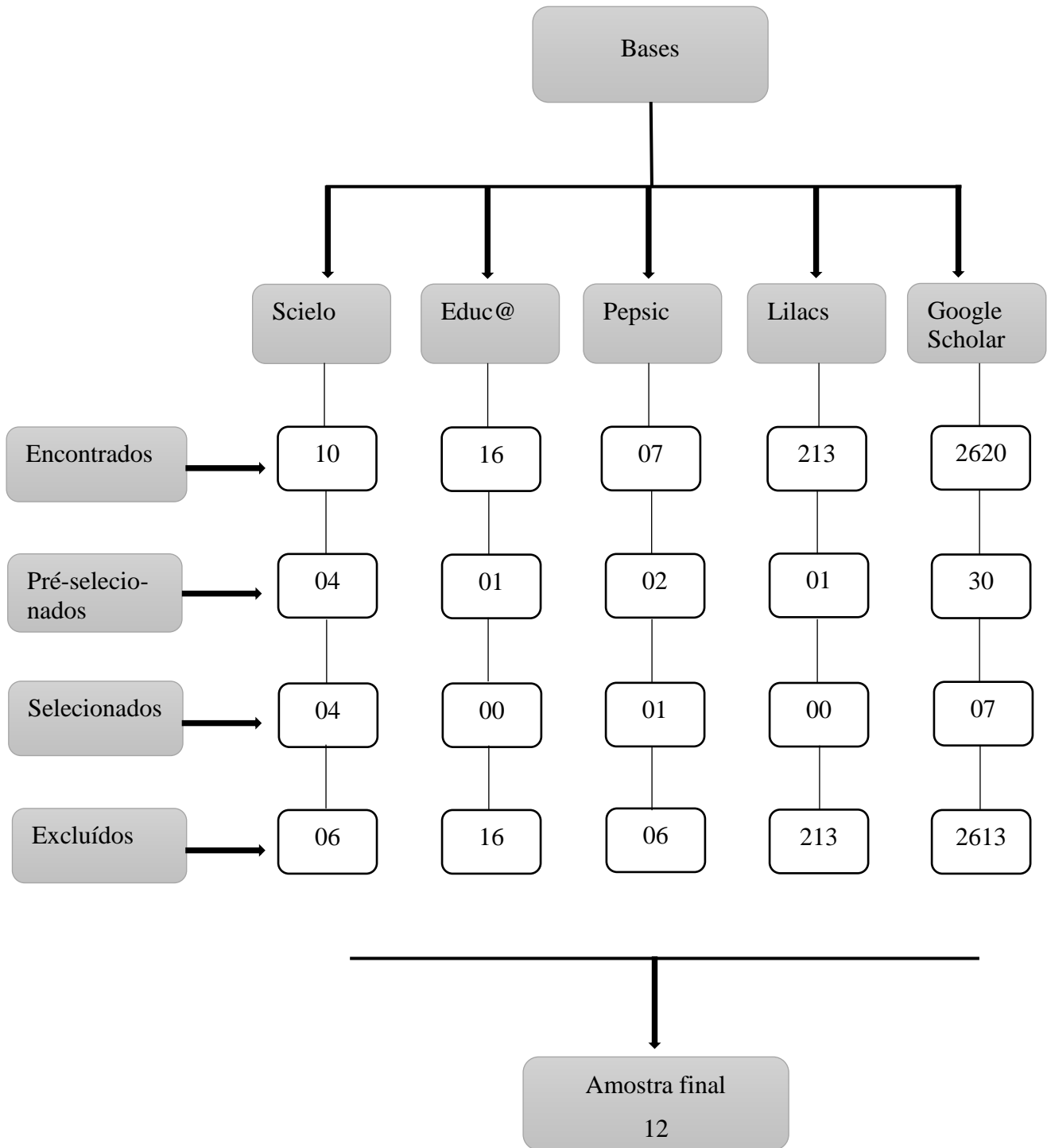
A escolha deste período para a amostra se deu devido à realização de uma busca preliminar nas bases de dados pesquisadas, onde verificou-se que os estudos originais publicados encontravam-se em maior concentração neste período, além de se caracterizar como o da produção mais recente sobre o tema.

No que se refere aos resultados das buscas, no Scielo foram encontrados 10 artigos, sendo selecionados 04 após leitura de título e resumos e posteriormente os 04 para compor a amostra final, após a leitura integral. Na base Educ@, dos 16 artigos encontrados, apenas 01 foi selecionado para a realização da leitura integral, sendo este posteriormente excluído da análise. No Pepsic, foram encontrados 07 artigos, sendo 02 selecionados para a leitura integral e após esta leitura apenas 01 foi incluído para a análise. No Lilacs, foram encontrados 213 artigos, porém, após a utilização dos filtros textos disponíveis, idioma português e o ano de publicação, os resultados diminuíram para 78 trabalhos, sendo apenas 01 selecionado para a leitura integral, porém, este posteriormente foi excluído da amostra final. E por último, o buscador Google Scholar, teve-se um total de 2.620 resultados, sendo que após o uso dos filtros idioma português e o ano de publicação, este número reduziu para 1.980 artigos, sendo selecionados destes 30 para a leitura integral e posteriormente 07 para a amostra final.

Assim, após a leitura integral, apenas 12 artigos foram incluídos na amostra final para a análise e discussão. Os trabalhos excluídos, não foram selecionados por não atenderem aos critérios principalmente por se tratarem principalmente de revisão de literatura, serem em idioma estrangeiro, serem duplicados ou ainda por abordarem outros assuntos que não o *cyberbullying* na escola.

O fluxograma a seguir, ilustra os resultados da pesquisa em cada etapa e em cada base de dados. Já o quadro na sequência, apresenta os principais estudos encontrados, apontando aspectos como autores, o título, ano de publicação, bases de dados em que foram encontrados, objetivo, metodologia, metodologia da pesquisa e os principais resultados encontrados.

Figura 1: Fluxograma do resultado da pesquisa



Fonte: PEREIRA, A. M., 2019.

Quadro 1: Artigos Analisados

Nº	Autor	Ano de publicação	Título	Base de dados	Objetivo	Metodologia	Principais resultados
01	SOUZA; SIMÃO; CAETANO	2014	<i>Cyberbullying</i> : percepções acerca do fenômeno e das estratégias de enfrentamento.	SciELO	Compreender a percepção dos participantes acerca do <i>cyberbullying</i> , bem como identificar as suas possíveis estratégias de enfrentamento.	Pesquisa com 118 estudantes do ensino superior público de Portugal.	Verificou-se que 18,6% dos envolvidos como vítimas, 59,3% como testemunhas e 39,8% afirmaram nunca terem se envolvidos no <i>cyberbullying</i> . O computador e o celular foram as tecnologias mais utilizadas. Percebido pelos entrevistados como uso inadequado das tecnologias e rede, como ato cruel, desumano, irresponsável, sem justificativa, de difícil intervenção ou ainda como uma brincadeira.
02	CAETANO et al.	2016	Emoções no <i>cyberbullying</i> : um estudo com adolescentes portugueses.	SciELO	Caracterizar o <i>cyberbullying</i> , e identificar as emoções experienciadas pelos envolvidos, como vítimas ou como agressores no <i>cyberbullying</i> .	Pesquisa com 3.525 alunos do 6º, 8º, 11º níveis de escolaridade de Portugal.	Tristeza, a vontade de vingança e o medo são as emoções mais frequentes das vítimas, enquanto a satisfação, a indiferença e o alívio são aquelas que os agressores mais vivenciam. Diferenças significativas em relação ao nível de escolaridade, sexo, escola e município.
03	CAETANO et al.	2017	<i>Cyberbullying</i> : motivos da agressão na perspectiva de jovens portugueses.	SciELO	Identificar os motivos do <i>cyberbullying</i> na visão dos agressores e das vítimas, e a relação entre esses e a escolaridade, sexo, e as emoções vividas pelo agressor.	Pesquisa com 3.525 alunos do 6º, 8º, 11º níveis de escolaridade de Portugal.	Os agressores apontam motivos hedonistas e egóico relacionados com brincadeira, diversão e fuga ao tédio, bem como motivos de afiliação e reativos. Já para as vítimas, os motivos são de afiliação, hedonista e de poder, inveja, diversão, imaturidade, ciúme, falta de respeito, ausência de afeto e sentimentos de superioridade.

04	MALL-MANN; LISBOA; CALZA	2017	<i>Cyberbullying</i> e Esquemas Iniciais Desadaptativos em Adolescentes Brasileiros.	Scielo	Investigar o <i>cyberbullying</i> em adolescentes brasileiros e sua relação com os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDS).	Pesquisa com 273 alunos de dois municípios do Rio Grande do Sul.	Verificou-se que as vítimas e vítimas-agressores apresentaram escores mais elevados na maioria dos EIDS. Vítimas e vítimas-agressores tiveram maiores escores nos esquemas de Abandono, Grandiosidade e Autocontrole Insuficiente. Vítimas indicaram escores mais altos em Autossacrifício e Defeito, e maiores escores que agressores no esquema de Defeito. Vítimas-agressores apresentaram escores mais altos nos esquemas de Desconfiança, Busca de Aprovação, Negativismo e Padrões Inflexíveis.
05	STELKO-PEREIRA et al.	2018	Violência virtual entre alunos do ensino fundamental de diferentes estados do Brasil.	Pepsic	Investigar ocorrências de <i>cyberbullying</i> em escolas de diferentes estados brasileiros.	Pesquisa com 1534 alunos de 6 escolas de São Paulo, Ceará, Paraná e Minas Gerais.	Verificou-se que cerca de 37% dos alunos estavam envolvidos em situações de <i>cyberbullying</i> . Notou-se haver associação significativa entre ser menina e sofrer ameaças psicológicas e receber mensagens ofensivas. Ser menino associou-se com ser ridicularizado em vídeos. A faixa etária que mais se envolveu em situações de violência virtual foi a de alunos com 15 anos ou mais.
06	FREIRE et al.	2013	<i>Cyberbullying</i> e ambiente escolar: Um estudo exploratório e colaborativo entre a escola e a universidade	Google Scholar	Descrever o fenômeno e evidenciar relações com o ambiente social e relacional da escola.	Pesquisa com 87 alunos do ensino fundamental de uma escola privada.	O contato com o <i>cyberbullying</i> apresenta uma incidência relativamente alta, e se liga as relações escolares entre pares, em que a intimidação presencial é transposta para o ciberespaço. Uma importante parte dos jovens são observadores do fenômeno. Parece existir alguns indícios de associação entre a incidência relativamente alta de <i>cyberbullying</i> e o ambiente sociorelacional da escola.

07	DIOTT et al.	2013	<i>Cyberbullying</i> : a atuação dos órgãos essenciais à justiça no caso de <i>bullying</i> cometida via internet.	Google Scholar	Analisar o <i>cyberbullying</i> , como acontece, se há prevenção, qual é o papel dos órgãos essenciais à Justiça na proteção à vítima e prevenção quanto à sua prática.	Pesquisa com 26 alunos de ensino médio de uma escola estadual do Rio Grande do Sul.	Cerca de 20% dos entrevistados já sofreram <i>cyberbullying</i> , se caracterizando principalmente por publicações para causar humilhação. Desconhecimento dos seus direitos faz com que a vítima permaneça em silêncio. Órgãos da Justiça importantes para a prevenção por meio da fiscalização de <i>sites</i> e punição dos agressores.
08	MATINS; SIMÃO; AZEVEDO	2014	Experiências de <i>Cyberbullying</i> relatadas por estudantes do ensino superior Politécnico.	Google Scholar	Verificar a frequência e os tipos de <i>cyberbullying</i> praticados, sofridos e observados por estudantes; se há diferenças entre gêneros, curso, emoções associadas aos diferentes papéis e os motivos dos agressores para este comportamento.	Pesquisa com 170 alunos de uma instituição de ensino superior em Portugal.	Verificou-se que 30,6% dos estudantes já tinham sido vítimas de <i>cyberbullying</i> e 8,2% admitiu ter praticado a agressão, pelo menos algumas vezes. Um dos motivos mais evocados pelos agressores para esta prática foi a vingança relativamente a episódios ocorridos anteriormente. Não se verificaram diferenças significativas entre sexos, mas o fenômeno era mais frequente em cursos de engenharia comparativamente aos de educação e ciências humanas.
09	PEREIRA; ALVES	2015	O <i>cyberbullying</i> no contexto escolar e os desafios para a promoção de uma cultura de paz.	Google Scholar	Compreender como o <i>cyberbullying</i> incide sobre a escola e suas implicações no contexto.	Pesquisa com 44 alunos de ensino médio de uma escola estadual de Porto Alegre.	Verificou-se que 42% dos entrevistados já haviam sido vítimas do <i>cyberbullying</i> ao menos uma vez durante o percurso escolar. Os motivos mais relatados foram os de pertencimento de grupo, etnia, e obesidade respectivamente.

10	PERFEITO et al.	2015	Caso Amanda Todd: uma oportunidade de refletir o <i>Cyberbullying</i> na escola.	Google Scholar	Verificar como os estudantes compreendem e lidam com o <i>bullying</i> e o <i>cyberbullying</i> sofridos em ambiente escolar.	Pesquisa com 20 alunos de uma escola privada do Rio de Janeiro.	Verificou-se que 100% dos alunos sabiam o que era <i>cyberbullying</i> , 60% dos participantes já haviam sofrido preconceito tradicional e 65% o virtual. 40% já haviam pensado em abandonar a escola por se sentirem inseguros para denunciar as agressões sofridas.
11	SILVA; VERDILIN	2017	<i>Cyberbullying</i> : a percepção dos alunos da rede pública sobre o fenômeno.	Google Scholar	Verificar a incidência de <i>cyberbullying</i> na percepção de adolescentes alunos de escola pública de Curvelo/MG.	Pesquisa com 30 alunos do ensino médio de um município de Minas Gerais.	Verificou-se que 72% dos alunos já foram vítimas do <i>cyberbullying</i> e 50% não contou sobre as agressões.
12	RODZ	2018	Violências e o <i>cyberbullying</i> : estudantes contra docentes	Google Scholar	Analisar a compreensão de estudantes de ensino médio sobre esta violência cibernética e as origens dessa prática contra seus professores.	Pesquisa com 16 alunos do ensino médio de uma escola em São Paulo.	Verificou-se que os alunos entrevistados na maioria das perguntas ficaram indiferentes a respeito do tema e que essa violência virtual ainda não é totalmente vista como uma violência de fato. Além disso, concebem que o <i>cyberbullying</i> se origina na maior parte, de problemas derivados do contexto social em que estão inseridos.

Fonte: PEREIRA, A. M., 2019.

Dos 12 artigos selecionados para a análise, após leitura integral, verificou-se que 02 deles foram publicados no ano de 2013, 02 no ano de 2014, 02 no ano de 2015, 01 no ano de 2016, 03 artigos no ano de 2017 e 02 publicados no ano de 2018. O gráfico abaixo ilustra a quantidade de artigos publicados por ano.

Gráfico 1: Quantidade de artigos publicados por ano

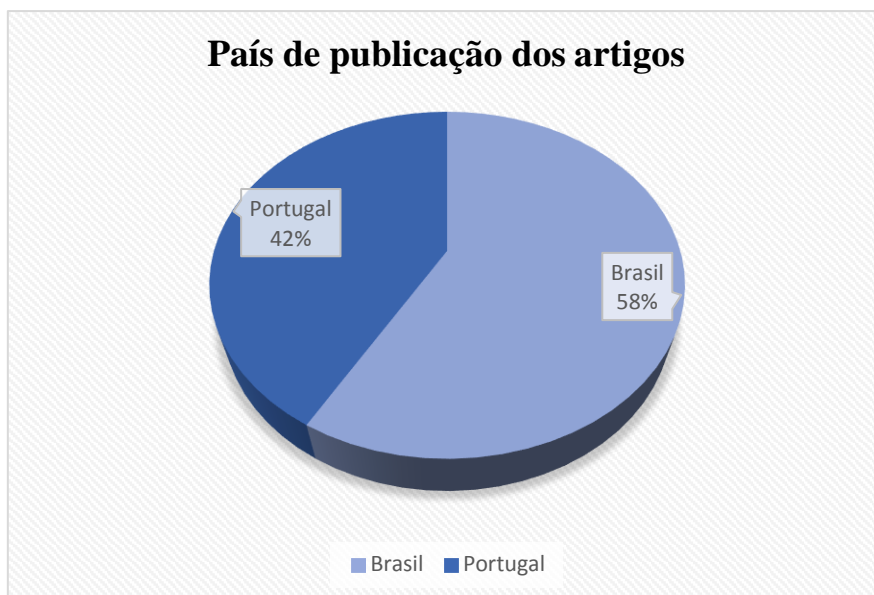


Fonte: PEREIRA, A. M., 2019.

No que se refere ao país onde foi realizada a pesquisa, 07 dos estudos selecionados foram desenvolvidos Brasil e 05 em Portugal. Faz-se necessário reforçar que foram incluídos somente trabalho no idioma português nas bases citadas, não encontrando estudos realizados em outros países. O gráfico a seguir apresenta este resultado em porcentagens.



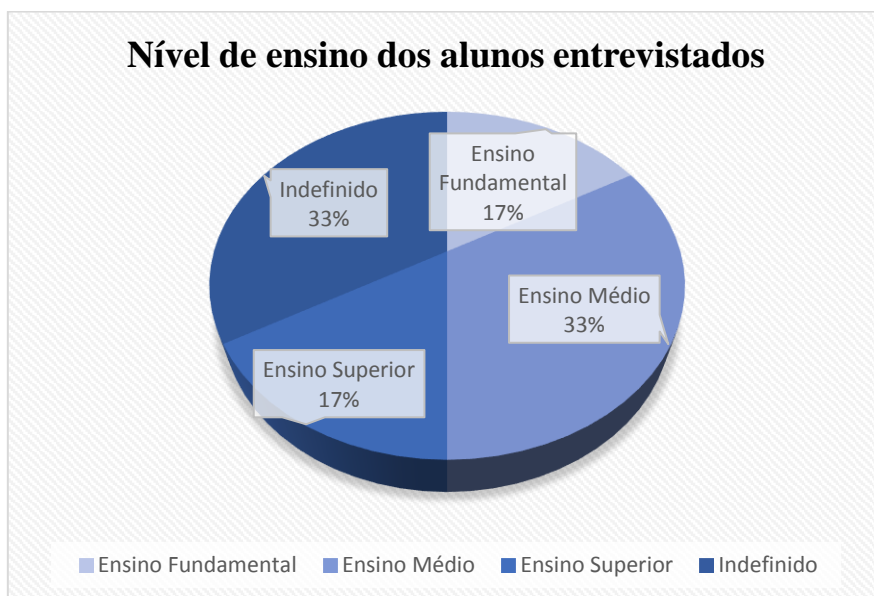
Gráfico 2: País de publicação dos artigos



Fonte: PEREIRA, A. M., 2019.

No que diz respeito ao nível de ensino dos participantes de cada trabalho selecionado, verificou-se que 02 artigos entrevistaram alunos do ensino fundamental, 04 entrevistaram alunos do ensino médio, 02 entrevistaram alunos do ensino superior e 04 estudos não descreveram o nível de ensino dos participantes, apenas afirmaram que eram alunos de uma determinada localidade, sendo classificados como indefinido.

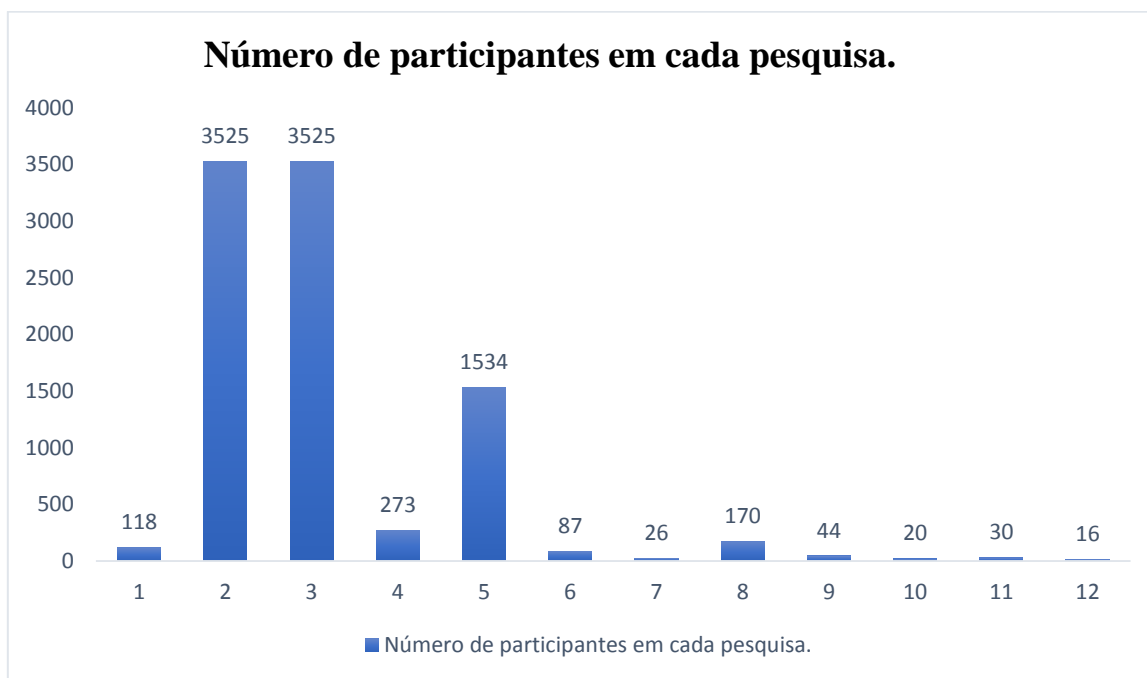
Gráfico 3: Nível de ensino dos entrevistados



Fonte: PEREIRA, A. M., 2019.

Já o gráfico 04 apresenta o número de participantes em cada estudo realizado. Os estudos estão numerados conforme o quadro dos artigos analisados apresentado anteriormente.

Gráfico 4: Número de participantes por pesquisa



Fonte: PEREIRA, A. M., 2019.

Pode-se perceber que as maiores amostras foram a do estudo 02 (Caetano et al., 2016), do estudo 03 (Caetano et al., 2017), realizados em Portugal, e a do estudo 05 (Stelko-Pereira et al., 2018), realizado em 4 estados brasileiros. Os demais estudos utilizaram amostras pequenas, sendo a menor a do estudo 12 (Rodz, 2018), com apenas 16 participantes. Todos os estudos somaram um total de 9.368 alunos entrevistados desde o ensino fundamental, médio e superior.

## 5 DISCUSSÃO

A discussão dos artigos analisados está descrita por categorias conforme os objetivos do trabalho, sendo estas as características do *cyberbullying*, as motivações para a sua ocorrência, as emoções nas vítimas e agressores e as estratégias de prevenção e enfrentamento.

### 5.1 CARACTERÍSTICAS DO *CYBERBULLYING*

Através dos estudos analisados, é possível discutir diversas características do *cyberbullying* como prevalência, os papéis desempenhados, as diferenças de sexo e idade, o tipo de tecnologia mais utilizado e as principais formas da agressão.

Ao investigar a prevalência do *cyberbullying*, os autores encontraram resultados diversos nos estudos. Souza, Simão e Caetano (2014), ao entrevistarem 118 alunos do ensino superior de Portugal, especificamente do curso de Psicologia, verificaram que 18,6% estavam envolvidos no fenômeno como vítimas, 59,3% como testemunhas e 39,8% afirmaram nunca terem se envolvidos com este fenômeno. Freire et al. (2013), entrevistou 87 alunos do 8º ano de uma escola privada de Lisboa e verificou que 18,4% dos entrevistados afirmaram já terem sido vítimas do *cyberbullying* e que em 70% destes casos os agressores são colegas da escola. Apenas 6,9% dos alunos afirmaram terem sido agressores.

Outros autores também encontraram resultados parecidos, como Diotto et al. (2013), em um estudo com 26 alunos do ensino médio do Rio Grande do Sul onde verificou que 20% dos alunos já foram vítimas, sendo todas meninas. Martins, Simão e Azevedo (2014), ao investigar 170 estudantes do ensino superior de Portugal, observou que 30,6% dos entrevistados afirmaram ter sido vítimas do *cyberbullying* em algum momento do percurso escolar, 8,2% se disseram agressoras, 45,3% observadores das vítimas e 25,3% observadores dos agressores. Além disso, 43,2% reconhecem o colega de escola como o agressor, enquanto 41,5% desconhecem o agressor. Dos agressores, 50% afirmaram que também já foram vítimas de um colega se caracterizando como vítimas-agressores. Já Mallmann, Lisboa e Calza (2017), identificaram que apenas 5% dos entrevistados já tiveram algum envolvimento com o *cyberbullying*, e 35% afirmaram ser vítimas-agressores.

Outros autores encontraram resultados mais elevados como Pereira e Alves (2015), que ao realizarem pesquisa com 44 alunos do ensino médio de Porto Alegre, verificaram que 42%

dos entrevistados já haviam sido vítimas deste tipo de agressão ao menos uma vez. Perfeito et al. (2015), identificou que 65% de 20 alunos de uma escola no Rio de Janeiro já haviam sofrido o *cyberbullying*. Silva e Verdolin (2017), ao entrevistarem 30 alunos do ensino médio de uma escola em uma cidade de Minas Gerais, encontraram que 87% dos alunos já haviam sido vítimas de agressões como mensagens de telefone ou em redes sociais com o objetivo de denegrir e 23% afirmaram ter enviado mensagens deste tipo. Stelko-Pereira et al. (2018), verificou que 37% dos entrevistados já havia se envolvidos em situação de *cyberbullying*, sendo 23% como vítimas, 3% como autor e 11% como vítima-agressor, ao entrevistar 1534 estudantes do ensino fundamental em 4 estados brasileiros.

Sobre estes elevados índices deste tipo de agressão, Faria e Zanini (2018), trazem em seu estudo que uma explicação para isto se refere ao aprimoramento das tecnologias e ao fácil acesso que grande parte da população tem a internet e as redes virtuais. Esta hipótese é corroborada por dados do IBGE que mostram que quase 70% dos domicílios possuem internet e quase 80% das pessoas possuem celular e acessam a internet por meio deste aparelho (IBGE, 2017).

Nestes estudos percebe-se um número maior de vítimas do que agressores. Uma das hipóteses para este aspecto diz respeito ao fato de muitos dos agressores não considerarem os seus comportamentos agressivos, não se considerando neste perfil (CAETANO et al., 2016; CAETANO et al., 2017), ou ainda, que um mesmo agressor atinge a várias vítimas (STELKO-PEREIRA et al., 2018). Outro aspecto diz respeito ao número considerável de vítimas-agressores, trazendo considerações como de que estes ao sofrerem esta agressão, acabam revidando a agressão, como forma de vingança e retaliação a agressão anterior como mostra Freire et al. (2013), Pereira e Alves (2015) e Caetano et al. (2017).

Sobre este aspecto, os dados do IPSOS, apontam 53% das agressões virtuais no Brasil, ocorreram por um colega de classe, sugerindo que estes são vítimas de agressões anteriores, seja do *bullying* tradicional ou do *cyberbullying* (INSTITUTO DE PESQUISA IPSOS, 2018). Já Ferreira e Deslandes (2018), traz que muitas vezes a agressão na rede social é um meio das vítimas do *bullying* tradicional revidarem as agressões sofridas, uma vez que a rede possibilita o anonimato, a desinibição e o não encontro como o agressor, o que o facilita a vingança.

Todos os estudos citam os vários papéis desenvolvidos por aqueles envolvidos no *cyberbullying*, sendo eles o de vítima, o de agressor, o de observador ou testemunha, ou ainda, o de vítima-agressor. No que se refere aos observadores, autores como Souza, Simão e Caetano

(2014), também os classificam em observadores das vítimas, observadores do agressor e observadores do tipo misto.

No que se refere as diferenças de gênero no *cyberbullying*, autores como Souza, Simão e Caetano (2014), encontraram um número maior de vítimas do gênero feminino, e um número maior de agressores do gênero masculino. Mallmann, Lisboa e Calza (2017), também verificou que o gênero feminino era o mais envolvido como vítimas, porém, ao contrário do estudo anterior verificou que os agressores eram em sua maioria do gênero feminino. Já outros autores não encontraram diferenças significativas em seus estudos como Stelko-Pereira et al. (2018) e Martins, Simão e Azevedo (2014).

Autores como Ferreira e Deslandes (2018), fazem uma crítica a estes resultados que apresentam os meninos como agressores e meninas como vítimas. Para estes autores, estas análises são tendenciosas, machistas e sexistas, já que como explicação para este fenômeno, os estudos apontam que os meninos teriam maiores habilidades com as tecnologias do que as meninas contribuindo para a visão machista de que os homens são superiores que as mulheres. Estes estudos desconsideram o tipo de acesso que as meninas fazem neste ambiente. Estes autores citados acima, reconhecem o impacto cultural nestes resultados.

Os estudos mostram que alunos mais velhos são os mais envolvidos no fenômeno do *cyberbullying*, principalmente adolescentes acima de 15 anos (MARTINS, SIMÃO, AZEVEDO, 2014; MALLMANN, LISBOA; CALZA, 2017; STELKO-PEREIRA et al., 2018). MARTINS, SIMÃO, AZEVEDO (2014), traz ainda que o *bullying* em sua forma tradicional ocorre mais com os alunos mais novos (ensino fundamental), enquanto o *cyberbullying* os mais velhos (ensino médio e superior). Para Pereira et al. (2018), este resultado se justifica pelo fato de que nesta faixa etária, os alunos começam a ter mais acesso aos meios tecnológicos e redes virtuais. Os outros estudos analisados não avaliaram este quesito.

No que se refere ao tipo de tecnologia mais utilizado, os estudos demonstraram que o computador e o celular respectivamente foram os mais citados, sendo o Facebook e os SMS os recursos mais utilizados (SOUZA, SIMÃO, CAETANO, 2014; FREIRE et al., 2013), além do Orkut (DIOTTO et al., 2013).

Ferreira e Deslandes (2018), contraria principalmente este último recurso, afirmando que antigamente o SMS e o e-mail eram os mais utilizados, mas, com o avanço da tecnologia outros meios vêm sendo mais utilizados, principalmente aqueles associados as redes sociais. Corroborando, dados recentes de 2018, trazidos pelo IPSOS, mostraram que no Brasil, os meios

mais utilizados foram as redes sociais, os dispositivos móveis, as mensagens *online* e as salas de bate-papo *online*, respectivamente.

Os tipos de agressões mais relatados foram publicações de caráter ofensivo (DIOTTO et al., 2013; FREIRE et al., 2013; MARTINS, SIMÃO, AZEVEDO, 2014; STELKO-PEREIRA et al., 2018), fingir ser a pessoa (MARTINS, SIMÃO, AZEVEDO, 2014; STELKO-PEREIRA et al., 2018), ameaças (FREIRE et al., 2013; MARTINS, SIMÃO, AZEVEDO, 2014; STELKO-PEREIRA et al., 2018), divulgação de dados, comentários, mensagens ( DIOTTO et al., 2013; STELKO-PEREIRA et al., 2018) vídeos de ofensas (DIOTTO et al., 2013; STELKO-PEREIRA et al., 2018). Outras formas citadas ainda são a invasão de privacidade, o fazer boatos e espalhar fofocas.

Por fim, o estudo de Stelko-Pereira et al. (2018), trouxe a contribuição de que ameaças psicológicas, mensagens ofensivas, xingamento e alguém se passar pela pessoa é mais frequente em vítimas do sexo feminino. Já as vítimas do sexo masculino sofrem mais com os vídeos ofensivos, publicações para ridicularizar e ameaças físicas. Essa diferença entre gênero no tipo de agressão sofrida pode ser explicada por fatores culturais onde meninos são mais estimulados a terem comportamentos mais agressivos que meninas.

## 5.2 MOTIVOS SOBRE O FENÔMENO

Dos estudos analisados, 07 artigos abordaram em suas pesquisas os motivos para a ocorrência do *cyberbullying*. Os autores encontraram vários fatores que na visão dos alunos são os que motivam a ocorrência deste fenômeno. Souza, Simão e Caetano (2014), identificaram que os fatores são do ponto de vista tecnológico e comportamental, sendo o primeiro visto como o uso inadequado das tecnologias e redes, sendo este fenômeno pertence ao mundo virtual e o segundo como ato cruel, desumano, irresponsável, sem justificativa e de difícil intervenção.

Para estes autores, as causas do fenômeno envolvem fatores como educação, família, sociedade, falta de diálogo e falta de atividades produtivas. Apontam também fatores relacionados diretamente ao agressor como personalidade, necessidade de autoafirmação, necessidade de controle e intervenção, busca por aceitação e vingança. Para Pereira e Alves (2015), os principais motivos são os de pertencimento de grupo, etnia e obesidade respectivamente. Já Perfeito et al. (2015), identificou as características corporais e a diversidade sexual, como principais motivos.

Para Freire et al. (2013), os motivos estão relacionados a reforço da imagem no grupo, pressão dos pares ou rejeição dos pares, além de maldade e divertimento. Os motivos alegados pelos agressores foram vingança e brincadeira. Os motivos trazidos pelos observadores são, reforço da imagem no grupo, sentimento de superioridade, vingança, prazer em ver o outro sofrer, inveja, humilhação, infelicidade, diferença cultural, desentendimentos, insegurança e problemas em casa.

Pereira e Alves (2015), verificou que muitos dos entrevistados afirmaram sofrer a *cyber* agressão por outros motivos do que os citados anteriormente, supondo os autores que estes sejam sobre cabelo, estilo, roupas, dentes e namorados. As questões de gênero, de homofobia, problemas cognitivos e situação econômica não foram citados por nenhum aluno neste estudo.

Martins, Simão e Azevedo (2014), identificou a vingança por episódio anterior, a brincadeira, o não gostar do comportamento da pessoa, como os principais motivos. Já Caetano et al. (2017) verificou que os motivos dos agressores são a brincadeira, diversão, não ter nada para fazer ou estar aborrecido. Apontam ainda motivos de afiliação como não gostar do outro, para a quebra de amizade e aspectos reativos como vingança, retaliação a agressão anterior e falta de respeito. Os motivos que menos aparecem são os de questões conflituais como a de diferença, divergência de opinião e sentimentos de superioridade.

Já Mallmann, Lisboa e Calza (2017), apontam um outro aspecto que pode estar relacionado com a ocorrência desta violência. Trata-se da presença de Esquemas Iniciais Desadaptativos (IEDS). Neste estudo, os autores encontraram que as vítimas e as vítimas-agressores, apresentaram maior grau em grande parte dos esquemas como o do Abandono, Grandiosidade/Autocontrole Insuficiente, do que os não envolvidos. As vítimas possuem escores mais altos em esquemas de Autossacrifício e Defeito. As vítimas-agressores apresentaram-se com escores mais altos em esquemas de Desconfiança, Busca de aprovação, Negativismo e Padrões inflexíveis. Já para os agressores, houve a associação destes com os esquemas como o de Desconfiança, Isolamento, Emaranhamento, Autossacrifício, Inibição Emocional, Padrões Inflexíveis, Grandiosidade, Autocontrole Insuficiente, Busca de Aprovação e Negativismo.

A correlação entre a vitimização, agressão e estes IEDS apontam para fatores de riscos e situações de vulnerabilidade para o *cyberbullying*, uma vez que estes estão muito associados a exposição repetida a situações negativas como insultos e humilhações e também a dificuldade de imposição de limites em outros. Estes IEDS são fatores, facilitam a vulnerabilidade destes alunos para a vitimização ou para a agressão (MALLMANN; LISBOA; CALZA, 2017).

Pereira e Alves (2015) e Freire et al. (2013) identificaram que muitos dos entrevistados disseram não saber o motivo ou não quiseram responder sobre esta questão, apontando para fatores como vergonha em se reconhecer como agressor ou de não considerar as suas ações como prejudiciais. Sobre este aspecto, os estudos (SOUZA; SIMÃO; CAETANO, 2014; FREIRE et al., 2013; PEREIRA; ALVES, 2015; PERFEITO et al. 2015) identificaram que muitos dos alunos citaram a brincadeira como motivo para o *cyberbullying*, mostrando que muitas vezes os agressores não reconhecem as consequências e prejuízos de suas ações sobre as vítimas.

Por fim, Freire et al. (2013), afirma que o *cyberbullying* pode ter uma relação direta com o espaço sociorelacional da escola, uma vez que 70% dos entrevistados neste estudo afirmaram que os alunos envolvidos neste tipo de agressão se sentem discriminados na escola em que estudam. Rodz (2018), corrobora esta afirmação ao dizer que grande parte deste tipo de violência tem o seu início derivado de problemas do contexto social em que os alunos estão inseridos, incluindo o ambiente escolar.

Estes resultados vão ainda de encontro com a reflexão de Souza, Simão e Francisco (2014), ao apontarem que a escola não está conseguindo desempenhar o seu papel de proporcionar um ambiente de segurança, afetividade e vínculos saudáveis para as pessoas que frequentam estes espaços. Isto resulta em um espaço de conflitos, discriminação e insegurança para estes alunos.

### 5.3 EMOÇÕES DOS AGRESSORES E VÍTIMAS

Dos estudos analisados, 07 artigos abordavam as emoções dos agressores e vítimas no *cyberbullying*. Os autores investigaram as emoções relatadas pelas vítimas, as emoções atribuídas pelos agressores as vítimas, as emoções atribuídas pelos observadores as vítimas, as emoções relatadas pelos agressores e as emoções atribuídas pelas vítimas e observadores aos agressores.

No que se refere as emoções relatadas pelas vítimas, as principais citadas foram sentimentos de indiferença (FREIRE et al., 2013; MARTINS; SIMÃO; AZEVEDO, 2014; CAETANO et al., 2016), tristeza (FREIRE et al., 2013; MARTINS; SIMÃO; AZEVEDO, 2014; PERFEITO et al., 2015; CAETANO et al., 2016) e raiva (MARTINS; SIMÃO; AZEVEDO, 2014; CAETANO et al., 2016). Foram citados ainda outras emoções como desprezo (MARTINS; SIMÃO; AZEVEDO, 2014), mal-estar e desilusão (FREIRE et al., 2013), vontade de



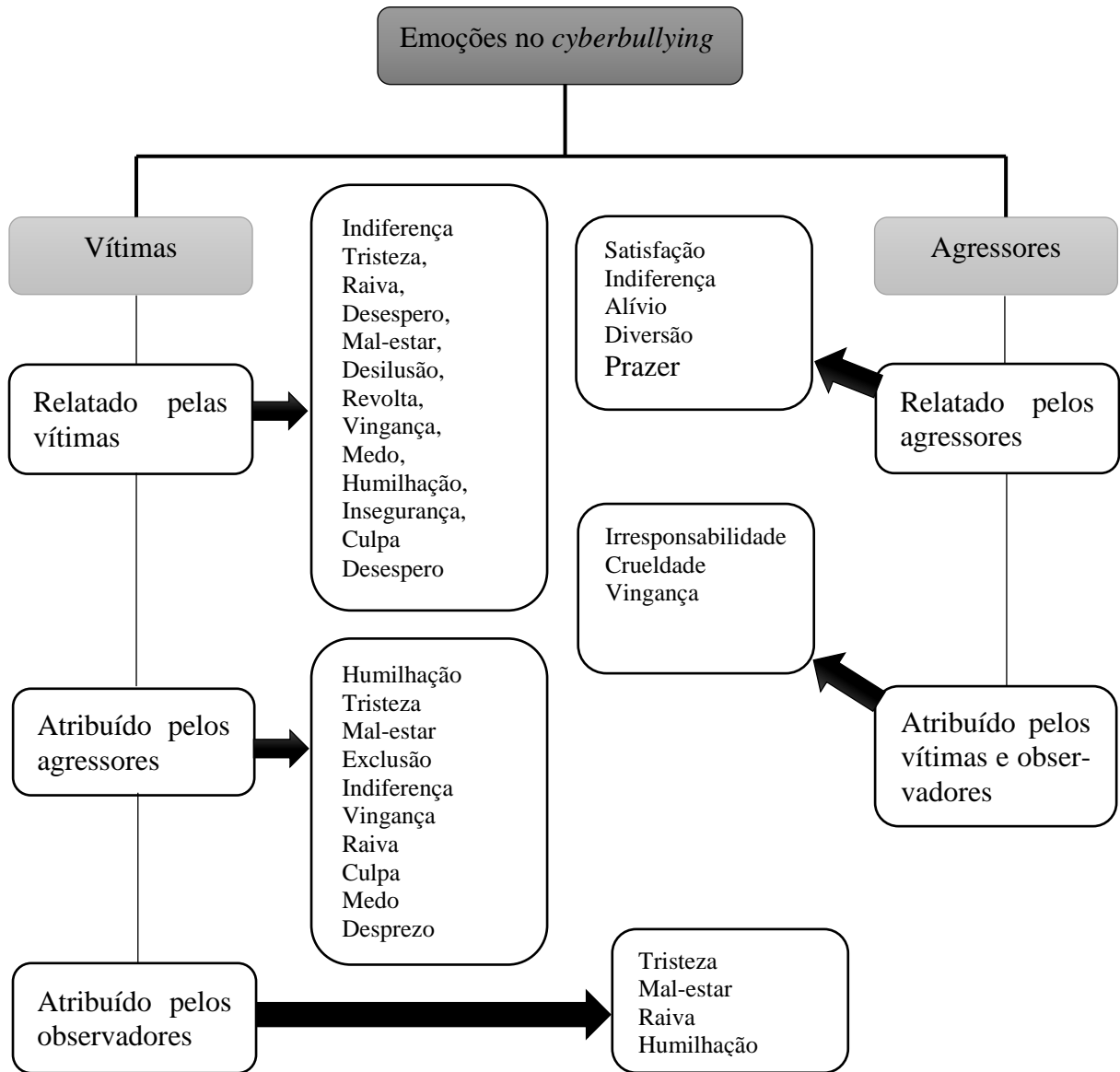
vingança, medo, humilhação, insegurança, desespero, culpa (CAETANO et al., 2016) e revolta (PERFEITO et al., 2015).

Nas emoções atribuídas pelos agressores as vítimas, as principais identificadas foram a humilhação (FREIRE et al., 2013; CAETANO et al., 2016), tristeza (FREIRE et al., 2013; MARTINS; SIMÃO; AZEVEDO, 2014), mal-estar, sensação de exclusão (FREIRE et al., 2013), indiferença (FREIRE et al., 2013; MARTINS; SIMÃO; AZEVEDO, 2014), vontade de vingança, raiva, (MARTINS; SIMÃO; AZEVEDO, 2014; CAETANO et al., 2016), culpa e medo (CAETANO et al., 2016) e desprezo (MARTINS; SIMÃO; AZEVEDO, 2014). Já nas emoções atribuídas pelos observadores as vítimas, identificou-se a tristeza, mal-estar, raiva, humilhação como aquelas que os observadores acreditam que as vítimas sentem (FREIRE et al., 2013).

Nas emoções relatadas pelos agressores, identificou-se emoções positivas como satisfação, indiferença, alívio, diversão, prazer e sentir-se mais forte (CAETANO et al., 2016; CAETANO et al., 2017), sendo as emoções de insegurança, medo, zanga e aterrorizado as menos frequentes nos agressores (CAETANO et al., 2016). Já nas emoções atribuídas pelos observadores e vítimas aos agressores, predominaram atitudes de irresponsabilidade, crueldade e vingança. Apenas uma pequena parte se referiu ao agressor como perigoso e as suas ações como tendo um caráter criminoso (FREIRE et al., 2013).

O fluxograma a seguir, apresenta as emoções das vítimas e agressores que foram relatadas pelos alunos:

Figura 2: emoções no cyberbullying



Fonte: PEREIRA, A. M., 2019

Pode-se observar que as emoções das vítimas e aquelas atribuídas as vítimas pelos agressores e observadores, são bastante semelhantes, apenas modificando a ordem em que aparecem. Sobre este aspecto há algumas divergências entre os estudos. Freire et al. (2013) e Martins, Simão e Azevedo (2014) corroboram esta afirmação e apontam ainda, que os agressores possuem consciência das consequências e impactos negativos de seus comportamentos, mas isto não os impedem de realizarem a *cyber* agressão.

Já Caetano et al. (2016) em seu estudo contraria, dizendo que as principais emoções citadas não são parecidas, considerando ainda, que estes agressores por dificuldades de empatia

não percebem as consequências causadas diminuindo assim a gravidade de seus comportamentos. Esta última afirmação é corroborada ainda por outros estudos como Souza, Simão e Caetano (2014), Freire et al. (2013), Pereira e Alves (2015) e Perfeito et al. (2015).

No que se refere as emoções dos agressores e aquelas atribuídas aos agressores pelas vítimas, é possível identificar diferenças significativas. As emoções relatadas pelos agressores estão ligadas a auto justificação, a desculpabilização, e a desvalorização de suas agressões, já as emoções atribuídas aos agressores pelas vítimas estão relacionadas a necessidade de controlar os outros e é reprovado moralmente pelas vítimas (CAETANO et al., 2017).

#### 5.4 ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO

Dos estudos analisados, apenas 05 artigos abordaram e discutiram formas de prevenção e de enfrentamento do *cyberbullying* utilizados ou citados pelos alunos nos estudos. Pode-se observar que as estratégias são divididas em categorias por vários dos autores, sendo elas as estratégias utilizadas pelas vítimas, as estratégias dos colegas ou observadores e ainda estratégias de professores e pais, estes últimos não concernentes a presente pesquisa.

Souza, Simão, Caetano (2014), trazem que as estratégias utilizadas pelas vítimas são estratégias *offline*, *online* e mistas. As primeiras são as estratégias de confronto, de pedido de ajuda e de evitamento. As segundas são estratégias de ruptura e estratégias sociais como bloquear ou excluir estes contatos, mudar número de telefone e endereço de contas, ou ainda encerrar o seu perfil nas redes sociais. Já as estratégias mistas são as de pedido de ajuda e a de confronto, como identificar o agressor e entrar em contato com administradores dos sites ou redes.

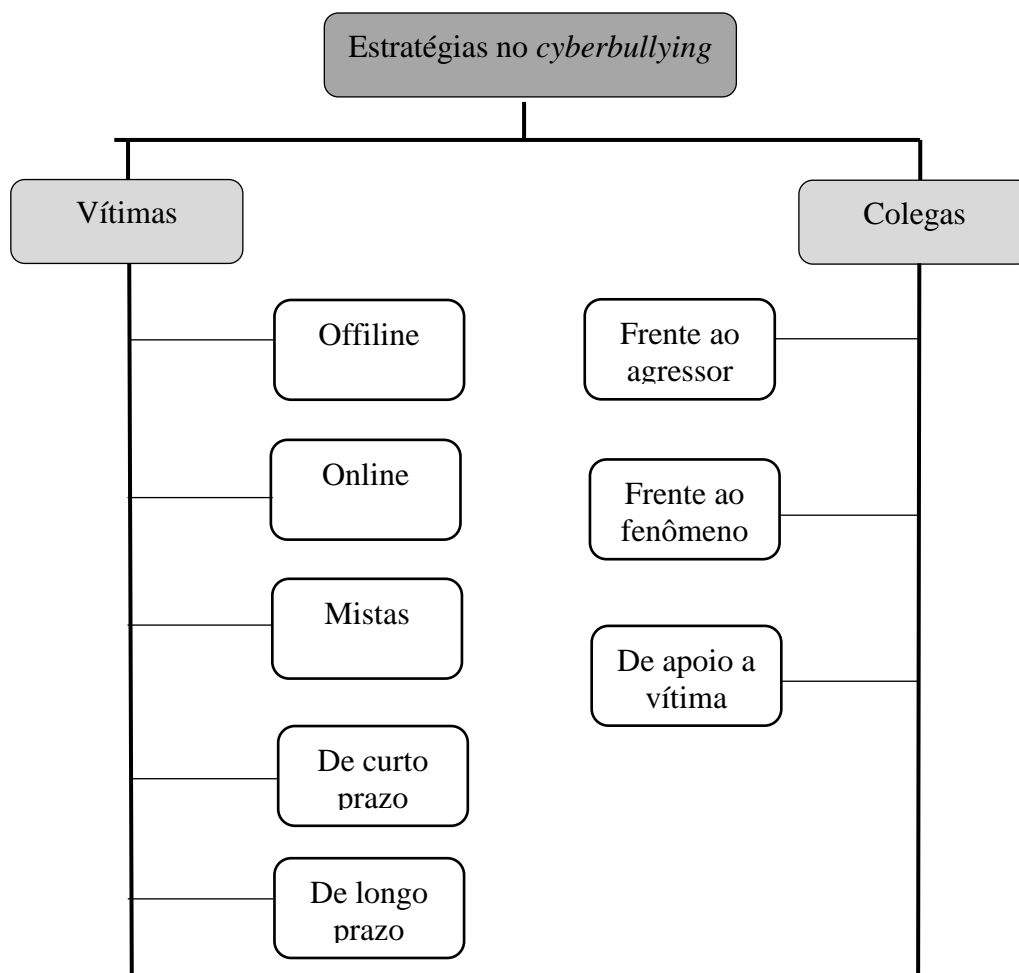
Já Freire et al. (2013), identificaram estratégias imediatas na tecnologia como apagar evidências, desligar aparelhos, e bloquear o agressor. Eles citam também reações a longo prazo como mudar de escola, ser indiferente, ou ainda procurar alguém como pais alunos e professores para conversar. Alguns autores identificaram outras estratégias além das já citadas, como ignorar o caso, responder a provocação ou mudar de escola (FREIRE et al., 2013; DIOTTO et al., 2013; PERFEITO et al., 2015).

Uma das estratégias citadas pelos alunos foi a de falar com um terceiro sobre o *cyberbullying*, como pais, professores, diretores, amigos, ou outros profissionais/pessoas que tenham conhecimento sobre o assunto (FREIRE et al., 2013; DIOTTO et al., 2013; SOUZA, SIMÃO, CAETANO, 2014; PERFEITO et al., 2015; SILVA, VERDOLIN, 2017).

Referente as estratégias utilizadas pelos colegas, Souza, Simão, Caetano (2014), citam aquelas utilizadas frente ao agressor como as de rutura e de evitamento, frente ao fenômeno como as de confronto, as de apoio a vítima, de ajuda direta como ouvir a vítima, falar sobre o assunto e não repreender a mesma e as de ajuda indireta como buscar ajuda ou conversar com terceiros sobre o fato ou ainda evitar falar sobre o assunto.

A figura a seguir, apresenta estratégias utilizadas pelas vítimas e pelos observadores frente ao *cyberbullying*:

Figura 3: estratégias de prevenção e enfrentamento



Fonte: PEREIRA, A. M., 2019

Apesar destas estratégias, Freire et al. (2013), observou em seu estudo que 54,9% dos entrevistados no papel de observadores relataram não terem nenhuma atitude para ajudar a vítima. Apenas 18% afirmaram ter tido alguma ação como ter dado apoio, usar o diálogo ou conversar com o agressor. Já Perfeito et al. (2015), ao investigar o que os alunos fariam se pudessem praticar algo sem serem punidos, a maioria afirmou que não fariam nada, outros que

procurariam ajuda da direção ou da polícia. Uma pequena parte relatou que se vingaria ou que tinha vontade de matar o agressor. Quando indagados o que fariam no caso Amanda Toldd, para evitar o que ocorreu, estes afirmaram que a ajudariam dando suporte, amizade ou acolhendo, já outros a culpavam pela exposição considerada pelos mesmos como vulgar.

Silva e Verdolin (2017), afirma que para os alunos há um descrédito no papel da escola e os seus membros como capazes de intervir e auxiliar as vítimas deste tipo de agressão, que em muitos casos nada é feito. Estes alunos sugeriram ainda uma maior participação da escola e dos pais no tema, fazendo palestras, murais e ainda falando sobre as consequências deste fenômeno.

Sobre este aspecto, Santos e Deslandes (2018), apontam que na maioria das vezes os pais e os professores nem chegam a tomar conhecimento sobre a ocorrência deste tipo de agressão, muito menos de auxiliar as vítimas ou estabelecer meios de prevenção. Esta afirmação pode ser deduzida também a partir dos dados apresentados, que mostram um elevado índice da ocorrência dessa violência no Brasil, que chegou a 87% em um dos estudos analisados neste trabalho, mas, ao analisar os dados do INSTITUTO DE PESQUISA IPSOS (2018), observa-se que apenas 29% dos pais possuem conhecimento sobre seus filhos já terem sido vítimas deste tipo de agressão.

Já Domingues et al. (2016), ao investigarem a preocupação dos professores como o *cyberbullying* e o envolvimento da escola com este fenômeno, afirmam que esses reconhecem o *cyberbullying* como um problema que precisa ser trabalhado, mas, dificilmente implementa ações ou políticas para lidarem com a situação. Os autores trazem ainda que os professores têm uma maior preocupação com estes casos quando percebem casos reais e de como estes afetam os seus alunos. Esta preocupação dos professores reflete no envolvimento da escola neste caso e na adoção de posturas proativas neste contexto de combate e enfrentamento.

Esta postura proativa por parte dos professores e da escola é extremamente importante para produzir um ambiente de segurança, proteção, afetividade e vínculos saudáveis que se faz necessário na escola, conforme apontado por Souza, Simão e Francisco (2014).

Rodz (2018), traz que muitos dos alunos são indiferentes a este tipo de agressão, não a considerando como uma violência de fato porque não envolve agressões físicas. Isso evidencia a necessidade da escola abordar o assunto e fazer debates para adquirir conhecimentos sobre o tema. A aproximação dos professores e da equipe pedagógica é vista como uma forma positiva uma vez que contribuem para relacionamentos mais saudáveis.

Uma das dificuldades para esta aproximação, é apontada na literatura como a falta de treinamento específico para os profissionais da educação sobre como proceder neste tipo de situação, para que se tenha resultados mais positivos e eficientes (FERREIRA E DESLANDES, 2018).

Por fim, Diotto et al. (2013), traz que a Legislação Brasileira ainda encontra muita dificuldade no quesito de conseguir identificar os casos e os agressores nas redes virtuais em função da velocidade dos acontecimentos. Porém, um dos avanços é que este tipo de conduta do agressor já se encaixa no Código Penal podendo este responder por seus atos.

Sobre este resultado, estudos mais recentes já apontam leis mais específicas como a Lei 12.737/2012 sobre a tipificação criminal de delitos de informática e a Lei 13.185/2015 que se refere a lei *anti-bullying*, que podem ser aplicadas nestes casos. Porém, estes mesmos autores apontam que a falta de denúncias e orientações contribuem para esta propagação e dificultam o papel da justiça. Corroborando, a pesquisa do IPSOS (2018) apontou que a maioria dos países consideram que as medidas anti-bullying são insuficientes para tratar do caso do *cyberbullying*, devendo ser tomadas medidas específicas para este tipo de agressão.

## 5.5 RESULTADOS ADICIONAIS

Um dos aspectos observados neste estudo diz respeito ao número pequeno de artigos que fizeram pesquisas de campo encontrados sobre o tema, nas bases pesquisadas, principalmente no que diz respeito a estudos originais. A maioria dos trabalhos encontrados se encaixavam na categoria de revisão de literatura. Verificou-se também, que uma quantidade significativa dos estudos analisados foi desenvolvido em Portugal, tendo estes, amostras bem mais representativas do que os estudos brasileiros.

Este resultado é corroborado por Ferreira e Deslandes (2018), que apontam a falta de estudos sobre o tema, as divergências entre os estudiosos e até mesmo a falta de consenso na conceituação do fenômeno e as suas características como uma das dificuldades no estudo do *cyberbullying*. Já Faria e Zanini (2018), trazem que a produção científica sobre o tema vem aumentando, principalmente a partir de 2008, porém, este crescimento é mais acentuado de estudos internacionais, enquanto no Brasil ainda verifica-se esta necessidade em grau mais acentuado.

Souza, Simão e Francisco (2014), corroboram afirmando que estes estudos ainda são muito recentes e que as publicações começaram a surgir principalmente nos últimos dez anos, demonstrando a necessidade de mais estudos e do desenvolvimento de intervenções. Já outros autores complementam afirmando que a maioria dos estudos produzidos sobre este fenômeno tem como objetivo principal apenas abordar a diferenciação entre o *bullying* tradicional e o *cyberbullying*, ao invés de analisar a extensão da agressão e as suas medidas de prevenção nesta última forma. Já no caso do *bullying* estes estudos estão bem delineados, e as medidas já são bastantes estudadas e expressivas (FARIA; ZANINI, 2018).

Já Ferreira e Deslandes (2018), contribui afirmando que estes estudos são mais intensos na área da educação, devido a sua relação com o *bullying* tradicional que já apresenta um escopo científico maior, mas afirmam que os estudos deste tipo de violência focado na área da saúde ainda são muito incipientes. Reconhecem também a necessidade de mais estudos e do aprofundamento sobre o tema.

Não se verificou diferenças significativas no que diz respeito ao número de estudo publicados nos anos analisados. Apenas o ano de 2017 apresentou um estudo a mais do que os outros anos. E no que diz respeito ao nível de ensino pesquisado verificou que as maiores porcentagens (33%) foram de alunos do ensino médio e também de estudos que não definiram a escolaridade da amostra (33%). Não é objetivo deste estudo analisar as diferenças deste fenômeno em cada nível de ensino.

Outro aspecto diz respeito a limitação das amostras dos estudos. A maioria das pesquisas tiveram amostras pequenas o que leva a resultados divergentes e não permite uma generalização dos resultados para uma determinada população ou até mesmo região. As maiores amostras foram de estudo de Portugal, enquanto os brasileiros utilizaram amostras em torno de 16 a 273 alunos, sendo a amostra mais representativa a de 1534 alunos. Estas amostras, quando comparadas a população do país podem ser consideradas muito pequenas.

Outro ponto diz respeito a divergências nos resultados das pesquisas principalmente no que diz respeito às características gerais do *cyberbullying* como prevalência, diferença de gênero, e outros. Outros estudos (PEREIRA et al.,2018) também sinalizaram estas diferenças. Autores como Longhini (2013), Hinduja e Patchim (2014) afirmam que as diferenças no conceito do *cyberbullying* influência nos resultados, principalmente no que diz respeito a pesquisas a campo, onde as respostas são dadas a partir do conceito utilizado. Outro fator são as diferenças

de metodologia e cultura no contexto em que as pesquisas ocorrem como aponta Pereira et al. (2018), que também contribuem para estas divergências.

Corroborando, Ferreira e Deslandes (2018) apontam que estas divergências nos conceitos utilizados, acabam por acarretar na inconsistência dos dados encontrados e que dificulta a sua comparação e a obtenção de resultados incomum, tendo assim também a dificuldade na elaboração e uso de ferramentas de intervenção nestes casos.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou 12 estudos que abordavam o *cyberbullying* na perspectiva de alunos do ensino fundamental, médio e superior. Os resultados apontaram para dados como prevalência, faixa etária, diferenças de gênero, principais meios utilizados, principais formas de agressão, motivos, emoções e estratégias de prevenção e enfrentamento, na visão dos alunos.

Neste sentido, o presente estudo traz contribuições para entender este fenômeno, ter uma visão geral sobre o mesmo e auxiliar no desenvolvimento de estratégias de prevenção e intervenção para reduzir a sua ocorrência e as consequências deste tipo de agressão. Estas estratégias podem ser utilizadas tanto por profissionais da educação quanto para profissionais de saúde que atuam diretamente com este fenômeno uma vez que o mesmo também abrange esta área.

Porém, nesta pesquisa, pode-se perceber que os artigos apontaram resultados divergentes sobre vários aspectos deste fenômeno, apontando assim para a necessidade de mais estudos nesta área, principalmente no que se refere pesquisas de campo e com amostras maiores e significativas que permita uma possibilidade de generalização dos resultados para uma determinada região ou país.

Percebe-se ainda, a partir dos resultados analisados, a necessidade de intervenções para reduzir a abrangência e consequências deste fenômeno, apontando ainda para a necessidade e importância das políticas públicas neste sentido, principalmente no que se refere ao nosso país. Se faz necessário, políticas que envolva os pais, os alunos, os professores e toda a comunidade escolar. Cartilhas, orientação, treinamento, inserção de profissionais especializados e programas de prevenção, são algumas das possibilidades.

Alguns casos de grande repercussão nacional envolvendo a agressão entre pares são destacados. Um deles foi o massacre de Realengo no Rio de Janeiro, em abril de 2011, onde 12 estudantes entre 13 e 15 anos foram mortos por um ex-aluno. Outro caso foi o do massacre no Colégio Goyases, em outubro de 2017 em Goiânia, onde dois alunos foram mortos e quatro ficaram feridos, por ataque de um aluno de 14 anos do oitavo ano do ensino fundamental. E outro caso mais recente, o caso de Suzano, São Paulo, onde 2 ex-alunos invadiram a escola e mataram 5 alunos, dois funcionários e vários outros feridos. Em todos estes casos, as investigações apontaram para ocorrência da agressão entre pares.

Estes casos reafirma a necessidade de refletir sobre estes fenômenos agressivos como o *bullying* e o *cyberbullying* e as suas consequências para a sociedade atual e a necessidade urgente destas medidas e políticas de prevenção e enfrentamento e o papel das políticas públicas voltadas para a educação e para a saúde, no combate destas violências tão presentes na atualidade.

No que se refere a inserção de profissionais especializados para auxiliar no combate a este fenômeno, o psicólogo e as suas intervenções se destaca como um importante profissional neste sentido. Além trabalhar aspectos como o estabelecimento de vínculos saudáveis, o espaço escolar como um ambiente de afetividade e segurança, pode proporcionar ainda um espaço de acolhimento e de escuta a quem os alunos podem recorrer, quando estiverem vivenciando este fenômeno.

Além disso, este profissional poderia atuar junto a toda a comunidade escolar, no sentido de leva-los a refletir criticamente sobre o *cyberbullying* e as suas consequências. Podendo trabalhar ainda na mediação de conflitos interescolares e contribuindo para a diminuição deste tipo de agressão. A Psicologia poderia atuar ainda, no desenvolvimento técnicas e estratégias específicas para este tipo de agressão e para as consequências trazidas por ela para os alunos envolvidos.

Por fim, tem-se como limitação deste trabalho, a busca nas bases de dados em apenas um idioma e o uso de palavras-chaves que podem não ter identificado todos os trabalhos publicados. Uma possibilidade e sugestão para futuros estudos refere-se a uma revisão da literatura abrangendo vários idiomas e comparando as semelhanças e diferenças dos resultados em diversos países além de verificar diferenças culturais que possam influenciar nos resultados. Outra possibilidade refere-se a desenvolver um estudo mais específico e abrangente sobre as estratégias de prevenção e enfrentamento do *cyberbullying* já utilizadas pelos profissionais educacionais e clínicos e a sua eficácia no combate deste fenômeno.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, J. C.; MIRANDA, F.A.; SOUZA, C. H. M. Reflexões acerca das estruturas psíquicas e a prática do *cyberbullying* no contexto da escola. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. Vol. 35, Nº 2, 2012. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-58442012000200013&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-58442012000200013&script=sci_abstract&tlng=pt) >. Acesso em: 09 fev. 2018.

CAETANO, A.P. et al. *Cyberbullying*: motivos da agressão na perspectiva de jovens portugueses. **Educação e Sociedade**. Vol. 38, nº. 141, 2017. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302017005004101&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302017005004101&script=sci_abstract&tlng=pt) >. Acesso em: 09 fev. 2018.

CAETANO, A.P. et al. Emoções no *cyberbullying*: um estudo com adolescentes portugueses. **Educação e Pesquisa**. Vol. 42, nº. 1, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201603138125>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

CONFORTO, E.C.; AMARAL, D.C.; SILVA, S.L.D. Roteiro para revisão bibliográfica sistemática: aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos. **8º Congresso Brasileiro de Gestão e Desenvolvimento de Produtos- CBGDP**. Anais. p.1-12. Porto Alegre,2011.

DIOTTO, N. et al. *Cyberbullying*: a atuação dos órgãos essenciais à justiça no caso de bullying cometido via internet. **Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão**. Vol. 01, nº 01, 2013. Disponível em: < <http://docplayer.com.br/24671723-Cyberbullying-a-atuacao-dos-orgaos-essenciais-a-justica-no-caso-de-bullying-cometido-via-internet.html> >. Acesso em: 20 fev. 2019.

DOMINGUES, M. J. S. et al. Cyberbullying: preocupação dos professores e envolvimento da escola. **Conjectura: Filosofia e Educação**. Vol. 21, n. 1, 2016. Disponível em: <[http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/download/3511/pdf\\_539](http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/download/3511/pdf_539) >. Acesso em: 20 mar. 2019.

FARIA, M. R. G. V.; ZANINI, D. S. Questionário de vitimização Virtual: Propriedades psicométricas e descrições de vitimização virtual. **Revista Avaliação Psicológica**. Vol. 17, Nº3, 2018. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712018000300006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712018000300006) >. Acesso em: 10 Maio 2019.

FERREIRA, T. R. S. C.; DESLANDES, S. F. Cyberbullying: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**. Vol. 23, Nº 10, 2018.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v23n10/1413-8123-csc-23-10-3369.pdf>>.  
Acesso em: 11 Maio 2019.

FREIRE, I. et al. *Cyberbullying* e Ambiente Escolar: Um Estudo Exploratório e Colaborativo entre a Escola e a Universidade. **Revista Portuguesa de Pedagogia**. Vol. 47, nº 02, 2013.  
Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10451/33021>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HINDUJA, S.; PATCHIM, J.W. Bullies Move Beyond the Schoolyard A Preliminary Look at Cyberbullying. **Youth Violence and Juvenile Justice**, April, 2006. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1541204006286288>>. Acesso em: 11 Abr. 2018.

HINDUJA, S.; PATCHIM, J.W. Cyberbullying: Identification, Prevention, and Response. **Cyberbullying Research Center**, 2014. Disponível em: <[www.cyberbullying.us](http://www.cyberbullying.us)>. Acesso em: 04 abr. 2018.

HINDUJA, S.; PATCHIM, J.W. Offline consequences of online victimization. **Journal of School Violence**, Vol. 6(3), 2007. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/232907969\\_Offline\\_Consequences\\_of\\_Online\\_Victimization?enrichId=rgreq-75f1a395aeea30259c830ba0b3685414-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYW-I0zIzMjkwNzk2OTtBUzoyNjY0MTY0OTAyODMwMD-hAMTQ0MDUzMDA0OTAyMw%3D%3D&el=1\\_x\\_3&\\_esc=publicationCoverPdf](https://www.researchgate.net/publication/232907969_Offline_Consequences_of_Online_Victimization?enrichId=rgreq-75f1a395aeea30259c830ba0b3685414-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYW-I0zIzMjkwNzk2OTtBUzoyNjY0MTY0OTAyODMwMD-hAMTQ0MDUzMDA0OTAyMw%3D%3D&el=1_x_3&_esc=publicationCoverPdf)>. Acesso em: 04 abr. 2018

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira**. 2017. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101459.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA IPSOS. **Global Views on Cyberbullying**. 2018. Disponível em: <[https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2018-06/cyberbullying\\_june2018.pdf](https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2018-06/cyberbullying_june2018.pdf)>. Acesso em: 15 Maio 2019.

LACERDA, I. M; PADILHA, M. F.; AMARAL. Cyberbullying: violência e a tipificação penal no Brasil. **International Scientific Journal**. Vol. 13, Nº 2, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.6020/1679-9844/v13n2a10>>. Acesso em: 10 Maio 2019.

LIMA, A. M. A. **Cyberbullying e outros riscos na internet: despertando a atenção de pais e professores**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

LIMA, M. C. **Monografia: a engenharia da produção acadêmica**. 2º ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2008.

LONGHINI, C. M. **Cyberbullying**: as múltiplas faces de um problema real. 2013..50 f. Monografia (Curso de Ciências Sociais, Bacharelado em sociologia). Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/4960>>. Acesso em: 16 mar.2018.

MALLMANN, C. L.; LISBOA, C. S. M.; CALZA, T. Z. **Cyberbullying** e esquemas iniciais desadaptativos em adolescentes brasileiros. **Revista Colombiana De Psicologia** Vol. 26, n.º 2, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rcps/v26n2/0121-5469-rcps-26-02-00313.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

MARTINS, M. J. D.; SIMÃO, A. M. V.; AZEVEDO, P. Experiências de *Cyberbullying* relatadas por estudantes do ensino superior politécnico. **Instituto de Educação da Universidade de Lisboa**, 2014. Disponível em: <<https://comun.rcaap.pt/handle/10400.26/13937>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

OLIVEIRA, J.C.C. *Cyberbullying* entre adolescentes usuários de internet: um estudo de levantamento *Online*. **Universidade Federal de Juiz de Fora**, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/1395>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

PEREIRA, D. T. S.; ALVES, E. O *cyberbullying* no contexto escolar e os desafios para promoção de uma cultura da paz. **Novas Tecnologias na Educação- CINTED-UFRGS**. Vol. 13, nº 2, 2015. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/61451/36337>>. Acesso em: 20 fev.2019.

PEREZ, J.R. et al. *Cyberbullying*: uma análise comparativa com estudantes de países da América Latina: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru e Venezuela. **V congresso Internacional sobre Comunicação e Realidade/ Fórum Gerações Interativas**, Universidade de Navarra, 2016. Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/2010/Pedagogia/aciberbulling.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Pedagogia/aciberbulling.pdf)>. Acesso em: 30 mar.2018.

PERFEITO, R. S. et al. Caso Amanda Todd: uma oportunidade de refletir o *Cyberbullying* na escola. **Educação Física em Revista**. Vol. 09, nº 01, 2015. Disponível em: <[http://www.academia.edu/29025190/Caso\\_Amanda\\_Todd\\_uma\\_oportunidade\\_de\\_refletir\\_o\\_Cyberbullying\\_na\\_escola](http://www.academia.edu/29025190/Caso_Amanda_Todd_uma_oportunidade_de_refletir_o_Cyberbullying_na_escola)>. Acesso em: 20 fev. 2019.

RODZ, R. R. Violências e o *cyberbullying*: estudantes contra docentes. **Cadernos da Pedagogia**. Vol.1, Nº 22, 2018. Disponível em: <<http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1117>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

SANTOS, L. C. S.; FARO, A. Bullying entre adolescentes em Sergipe: Estudo na Capital e no Interior do Estado. **Psicologia Escolar e Educacional**. Vol. 22, Nº 03, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v22n3/2175-3539-pee-22-03-485.pdf>>. Acesso em: 11 Maio 2019.

SILVA; VERDOLIN. *Cyberbullying*: a percepção dos alunos da rede pública sobre o fenômeno, 2017. Disponível em: <<http://jornal.faculdadecienciasdavidia.com.br/index.php/RBCV/article/download/463/256/>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

SOUZA, S. B.; SIMÃO, A. M. V.; CAETANO, A. P. *Cyberbullying*: Percepções acerca do fenômeno e das estratégias de enfrentamento. **Psychology/Psicologia Reflexão e Crítica**: Vol. 27, nº3, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722014000300582](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722014000300582)>. Acesso em: 15 fev. 2019.

SOUZA, S. B.; VEIGA SIMÃO, A. M.; FRANCISCO, S. M. Cyberbullying: incidência, consequências e contributos para o diagnóstico no ensino superior. **Revista @ mbienteeducação**. Vol. 7, N. 1, 2014. Disponível em: <<http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/59/49>>. Acesso em: 09 Maio 2019.

STELKO-PEREIRA, A. C. et al. Violência virtual entre alunos do ensino fundamental de diferentes estados do Brasil. **Psicologia da Educação**. São Paulo, Vol. 46, nº01, 2018. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1414-69752018000100003&lng=es&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-69752018000100003&lng=es&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 15 fev. 2019.

United Nations Children's Fund [UNICEF]. **Hidden in plain sight: A statistical analysis of violence against children** (Relatório de pesquisa), 2014. New York, NY. Disponível em: <[http://files.unicef.org/publications/files/Hidden\\_in\\_plain\\_sight\\_statistical\\_analysis\\_EN\\_3\\_Sept\\_2014.pdf](http://files.unicef.org/publications/files/Hidden_in_plain_sight_statistical_analysis_EN_3_Sept_2014.pdf)>. Acesso em: 11 Maio 2019.

WENDT, G. W. **Cyberbullying em adolescentes brasileiros**. 2012. 92 f. dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade do Vale do Rio do Sino, São Leopoldo, 2012. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4749>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

WENDT, G. W.; LISBOA, C. S. M. Compreendendo o fenômeno do *cyberbullying*. **Temas em Psicologia**. Ribeirão Preto, v 22, nº 1, 2014. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2014000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000100004)>. Acesso em: 29 mar. 2018.

WILLARD, N. Educator's Guide to Cyberbullying and Cyberthreats. **Center for Safe and Responsible Use of the Internet**, 2006. Disponível em:< <http://www.wcs.k12.va.us/users/honaker/cyberbullying-for-teachers.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2018.